

CAIO PRISCO DA SILVA TELLES NUNES RANIERI COLOMBO

DIREITO, GUERRA E PAZ

**SOBRE A POSSIBILIDADE E A PROBABILIDADE
DA CONSTRUÇÃO DA PAZ MUNDIAL**

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Direito Internacional sob a orientação do Professor Mestre Henrique Araújo Torreira de Mattos.

Pontifícia Universidade Católica – PUC

São Paulo – 2013

Aos que acreditam que a Paz Mundial é possível...
e pensam e agem em prol dessa Causa Maior.

Tenhamos consciência do quão dramático é,
para a espécie humana, o momento que vivemos,
consciência das ambivalências desse momento,
de seus riscos e perigos, e também de suas chances.

Stéphane Hessel e Edgar Morin (2012, p. 16)

RESUMO

Esta Monografia de Direito Internacional trata da construção da Paz Mundial no presente e no futuro, bem como de sua possibilidade (ela é possível) e probabilidade (ela é pouco provável) de agora em diante. O autor considera que a “pacificação global” – consciente, voluntária, colaborativa, econômica e politicamente sustentável e “perpétua” – é o objetivo maior e mais importante da raça humana no atual momento histórico e civilizatório e constitui, portanto, a verdadeira meta prioritária e “estratégica” de todos os Povos, Governos, Estados, Blocos e da Comunidade Internacional (com suas instituições e organismos representativos e auxiliares). O problema desta pesquisa científica em Direito Internacional pode ser enunciado em três perguntas complementares: A Paz Mundial é possível? É provável? Pode ser construída e mantida sem mais demora? A hipótese desta pesquisa científica em Direito Internacional é: A Paz Mundial é possível em todos os seus aspectos teóricos e práticos e pode ser construída e mantida, sem mais demora, se houver vontade política, engajamento e cooperação internacionais verdadeiros e desinteressados, em ganhos outros, além do Bem Comum e do desenvolvimento fraterno e harmonioso dos povos e da Civilização. Os únicos obstáculos existentes no momento, e que a tornam pouco provável ou improvável, são justamente a falta dos três fatores mencionados (vontade, engajamento, cooperação). E isso pode e deve ser mudado.

Palavras-chave: Direito Internacional, Relações Internacionais, Cooperação Internacional, Política Externa, Guerra, Paz.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 – DIREITO	17
CAPÍTULO 2 – GUERRA	29
CAPÍTULO 3 – PAZ	43
CONCLUSÃO	56
BIBLIOGRAFIA	63

INTRODUÇÃO

[...] não se trata de saber se a paz perpétua é possível na realidade ou não, nem se nos enganamos em nosso juízo prático quando opinamos pela afirmativa, mas sim que devemos proceder como se este suposto, que talvez não se realizará, devesse, no entanto, realizar-se e tratar de estabelecer entre nós a constituição [...] que nos pareça mais própria para alcançar esse fim e pôr termo à guerra execrável [...].¹

As guerras se multiplicam no planeta e são cada vez mais caracterizadas por seus componentes etnorreligiosos. Por toda parte, a ordem cívica regride [...]. A barbárie odiosa oriunda do fundo das eras históricas se combina com a barbárie anônima e hostil da técnica própria à nossa civilização.²

Vivemos hoje no império do egoísmo, da ganância e da maldade. E se as coisas continuarem como estão, teremos uma guerra de todos contra todos antes do final do século XXI [...].³

Esta Monografia de Direito Internacional trata da construção da Paz Mundial no presente e no futuro, bem como de sua possibilidade (ela é possível) e probabilidade (ela é pouco provável) de agora em diante. O autor considera que a “pacificação global” – consciente, voluntária, colaborativa, econômica e politicamente sustentável e “perpétua” – é o objetivo maior e mais importante da raça humana no atual momento histórico e civilizatório e constitui, portanto, a verdadeira meta prioritária e “estratégica” de todos os Povos, Governos, Estados, Blocos e da Comunidade Internacional (com suas instituições e organismos representativos e auxiliares). Não há tempo a perder e nenhuma desculpa é aceitável diante do imperativo ético, moral e existencial de trabalharmos juntos – e com todas as forças – para a realização da Causa Maior de toda a espécie.

Problema

O problema desta pesquisa científica em Direito Internacional pode ser enunciado em três perguntas complementares: A Paz Mundial é possível? É provável? Pode ser construída e mantida sem mais demora?

¹ KANT, Immanuel. **Rumo à paz perpétua**. São Paulo: Ícone, 2010, p. 5.

² MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo?**: ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 8-9.

³ COLOMBO, Caio. **Catástrofe contemporânea**: ensaios sobre o lado sombrio da pós-modernidade. 2. ed. São Paulo: RG, 2011, p. 9-10.

Hipótese

A hipótese desta pesquisa científica em Direito Internacional é: A Paz Mundial é possível em todos os seus aspectos teóricos e práticos e pode ser construída e mantida, sem mais demora, se houver vontade política, engajamento e cooperação internacionais verdadeiros e desinteressados, em ganhos outros, além do Bem Comum e do desenvolvimento fraterno e harmonioso dos povos e da Civilização. Os únicos obstáculos existentes no momento, e que a tornam pouco provável ou improvável, são justamente a falta dos três fatores mencionados (vontade, engajamento, cooperação). E isso pode e deve ser mudado.

Relevância

Os conflitos armados e a Guerra têm sido terríveis constantes na história da Humanidade e essas “aberrações psicossociais” impediram e impedem nosso pleno desenvolvimento enquanto espécie e o avanço ótimo, máximo e sustentável da Civilização. Como ressaltou o historiador Marc Ferro, “[...] em vez de termos a paz universal, a conciliação tantas vezes programada na prosperidade, tivemos novas guerras [...]”.⁴ E como sabemos, os impactos, efeitos e resultados dos confrontos militares entre grupos humanos, povos e Estados são sempre negativos e prejudiciais e nunca, em nenhum momento ou circunstância, geram benefícios reais a ninguém – é uma ilusão perigosa (e muito perversa) acreditar que a destruição ou extinção do Outro, seja ele quem for, pode fortalecer o Estado “vencedor” e instaurar, pela violência, uma ordem psicossocial pacífica e duradoura... E mesmo assim, a “Morte planejada” ainda é percebida como “opção válida”, eficiente e eficaz, de “solução de controvérsias” em âmbito internacional. Eis um dos paradoxos mais imorais de nossa época (e também das anteriores): usar o conflito para resolver o conflito. De agora em diante, os Estados e povos terão cada vez mais pontos de contato uns com os outros (o mundo globalizado é essencialmente multicultural e multipolar) e serão obrigados a conviver, harmoniosamente, por dois motivos bem simples: somos uma única espécie (a raça humana) e vivemos em um único planeta (a Terra). Sendo assim, a Paz entre os Homens deve ser construída

⁴ FERRO, Marc. **O século XX explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 87.

e mantida como condição indispensável para um futuro comum viável e administrável. É isso ou o terror permanente de viver – ou apenas sobreviver, dia após dia – sob o domínio do mais forte; necessariamente ameaçador, violento, mortífero. Como explicou o diplomata Boris Biancheri, “[...] a exigência de garantir a paz [...] é interesse natural de todos os Estados da comunidade internacional e, portanto, um pressuposto básico da sociedade humana no seu todo.”⁵ Mas a missão não é fácil, pois como registrou o filósofo, sociólogo e antropólogo Edgar Morin, “[...] estamos num mundo que nos aparece simultaneamente em evolução, em revolução, em progressão, em regressão, em crise, em perigo.”⁶ O que certamente assusta, confunde e “trava” até os maiores especialistas em Direito, Ciência Política e Relações Internacionais entre outras importantes áreas do Conhecimento e da “Gestão da Existência” no planeta Terra. De acordo com o internacionalista Gilberto Rodrigues,

Os estudos e as pesquisas sobre o fenômeno da paz são recentes nas relações internacionais e ainda não são aceitos pela maioria dos internacionalistas como formadores de um paradigma. Não obstante, é cada dia maior o número de instituições acadêmicas que promovem estudos e adotam disciplinas voltadas para o estudo do fenômeno da paz no mundo.⁷

De modo que novas pesquisas sobre o tema – e assuntos relacionados – são, não apenas necessárias, como bem-vindas. Infelizmente, como reconheceu o jurista e internacionalista Carlos Roberto Husek,

Ainda não vivemos – e não sabemos se isto acontecerá – dentro de princípios e regras inegáveis de bom-senso e de paz, bem como de certeza dos mínimos contornos do que pode ser considerado certo ou errado, justo ou injusto, favorável à humanidade ou desfavorável à humanidade [...].⁸

E enquanto as rivalidades e os ódios mais irracionais e infundados influenciam ou determinam o fazer político e a Política (principalmente a Externa), todos nós somos prejudicados, em profundidade, e por longos períodos de tempo... Não há dúvidas de que poderíamos ter avançado muito mais, em aspectos socioeconômicos e democráticos, se não tivéssemos perdido tantos recursos, energias e vidas guerreando uns contra os outros. Até por-

⁵ BIANCHERI, Boris. **Conciliar o mundo**: a diplomacia na era global. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 142.

⁶ MORIN, Edgar. **Para onde vai o mundo?** Petrópolis: Vozes, 2010, p. 35.

⁷ RODRIGUES, Gilberto Marcos Antonio. **O que são relações internacionais**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009, p. 54.

⁸ HUSEK, Carlos Roberto. **Curso de direito internacional público**. 10. ed. São Paulo: LTR, 2009, p. 356.

que, como afirmou Norberto Bobbio, filósofo do Direito e da Política, “O futuro da paz está estreitamente conectado com o futuro da democracia.”⁹ Ambos fenômenos “sistêmicos” que interagem, também, de modo sistêmico. Nas palavras eloquentes – e de alerta – de Martin Luther King, teólogo, sociólogo, pacifista e ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1964,

Há muitos anos os homens têm falado de guerra e de paz. Mas agora não podemos mais simplesmente falar sobre elas. Não se trata mais de uma escolha entre violência e não violência neste mundo, mas entre violência e inexistência.¹⁰

E a seriedade da questão sob análise – a construção da Paz Mundial – é tal, que sua relevância teórico-prática é autoevidente e autojustificável. Ademais, como asseverou o escritor e ensaísta Amin Maalouf,

Se não conseguirmos construir, neste século, uma civilização comum com que cada um possa se identificar, unida pelos mesmos valores universais, guiada por uma poderosa fé na aventura humana e enriquecida por toda a nossa diversidade cultural, com certeza afundaremos juntos numa barbárie em comum.¹¹

Esta sim, uma possibilidade muito, mas muito provável... O que é de arrepiar. Norberto Bobbio disse certa vez: “Se alguém me perguntar quais são, na minha opinião, os problemas fundamentais do nosso tempo, não tenho qualquer hesitação em responder: o problema dos direitos do homem e o problema da paz.”¹² Ou melhor dizendo, o problema da “ausência da Paz”. Como declarou o diplomata Mohamed ElBaradei, ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 2005,

Alguns diriam que é demasiadamente idealístico acreditar numa sociedade baseada na tolerância e na inviolabilidade da vida humana, em que fronteiras, nacionalidades e ideologias seriam apenas marginalmente importantes. Para esses eu digo que isso não é idealismo, mas realismo, pois a história nos ensinou que a guerra raramente resolve as diferenças. A força não cura feridas antigas, ela abre novas.¹³

⁹ BOBBIO, Norberto. **O terceiro ausente**: ensaios e discursos sobre a paz e a guerra. Barueri: Manole, 2009, p. LIV.

¹⁰ KING, Martin Luther. **As palavras de Martin Luther King**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 99.

¹¹ MAALOUF, Amin. **O mundo em desajuste**: quando nossas civilizações se esgotam. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011, p. 32.

¹² BOBBIO, Norberto. **O terceiro ausente**: ensaios e discursos sobre a paz e a guerra. Barueri: Manole, 2009, p. 111.

¹³ ELBARADEI, Mohamed. *In*: ABRAMS, Irwin. **Heróis da paz**: o que ganhadores do Prêmio Nobel da Paz têm a nos dizer. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011, p. 66.

E já é tempo de darmos início aos processos de “cicatrização” dos povos e Estados e, igualmente importante, da Comunidade Internacional como um todo.

Contribuição original

Esta Monografia de Direito Internacional é incomum e traz uma contribuição original – em alguns aspectos inédita – digna de nota: O texto foi construído não apenas com base nos pensamentos de juristas e cientistas políticos (como era de se esperar), mas, também, com base nas percepções, ideias, conceitos, comentários e conclusões de alguns dos maiores teóricos e especialistas de outras áreas do Conhecimento, igualmente valiosas e indispensáveis, tais como a Filosofia, a História, a Sociologia, as Relações Internacionais, a Crítica da Cultura e até mesmo a Psicologia e a Psicanálise... O fenômeno da Paz entre os Homens é de grande complexidade e não faz sentido tentar analisá-lo sob um único ponto de vista, necessariamente restrito e parcial, ao invés de fazê-lo, por “todos os lados”, de modo multi e transdisciplinar – uma coisa é efetuar um recorte científico e outra, bem diferente, é desconsiderar, deixar de lado intencionalmente (e sempre com prejuízos), as ligações e ramificações do objeto de pesquisa com o entorno, o contexto e o Real. Afinal, não existe uma “Paz jurídica”, exclusivamente legal, normativa, pairando no vácuo ou no etéreo do Cosmos, mas a Paz enquanto realização humana ampla, fluida, móvel, inconstante e frágil; aliás, como tudo aquilo que é feito pelo Homem. Ademais, como explicou Amin Maalouf, “Não podemos compreender a realidade do mundo de hoje se não tivermos no espírito, constantemente, todas as facetas, ao mesmo tempo.”¹⁴ Sendo assim, para melhor abarcar um fenômeno autenticamente sistêmico como a Paz Mundial (e sua construção prática, neste mundo em que vivemos), faz-se necessária uma análise igualmente sistêmica... E fortemente crítica! Até porque, evitar críticas à realidade hodierna, cruel e sofrível para a maior parte da população da Terra, é ser cúmplice da Injustiça e da Maldade que assolam os povos impiedosamente e comprometem o nosso futuro comum – um crime comissivo por omissão, continuado, em escala planetária.

¹⁴ MAALOUF, Amin. **O mundo em desajuste**: quando nossas civilizações se esgotam. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011, p. 95.

Estrutura

O presente texto foi dividido em três capítulos e conclusão. No primeiro capítulo – Direito – são discutidos o Direito Internacional e sua importância para a construção da Paz no mundo. No segundo capítulo – Guerra – são discutidos o absurdo do uso da violência militar (cada vez mais injustificável e inaceitável), em pleno século XXI, e a ineficácia política dos conflitos armados. No terceiro capítulo – Paz – são discutidas a importância da Paz Mundial, bem como sua possibilidade e probabilidade. A conclusão tenta mostrar que a convivência harmoniosa e cooperativa entre os Estados e povos é a única opção inteligente e realista, dado que viver em permanente estado de alerta, em conflito com o Outro ou em plena Guerra (parcial ou total), não é a vontade de nenhum Homem racional e equilibrado, de nenhum governante ou Governo sensato e democrático, de nenhum Estado justo e de Direito. O texto foi estruturado de modo crítico e vai frontalmente contra a maioria das “verdades” do discurso hegemônico capitalista-neoliberal-belicista contemporâneo. Afinal, como conclamou o sociólogo Marc Augé, “[...] precisamos mais do que nunca de um retorno ao olhar crítico, apto a desvendar as questões de poder atrás das fórmulas ilusoriamente apaziguadoras ou fanaticamente mobilizadoras.”¹⁵ Muito provavelmente, o modo mais eficiente e eficaz de criar e desenvolver uma “cultura de Paz” (vital para nossa sobrevivência e perpetuação no planeta) que, uma vez disseminada pelo mundo (não como ideologia, no sentido negativo e “pesado” do termo, mas como conscientização coletiva, esclarecimento humanista universal), possa evitar o sofrimento de inocentes e o derramamento de sangue que têm manchado e tingido nossa História.

A “fumaça da Guerra”

Ao contrário do que nos “ensina” o Senso Comum (sem base científica e formado por uma perigosa mistura de lendas, medos e preconceitos que se renovam e reforçam), o Homem não é “naturalmente agressivo” (tendente ao conflito e à Guerra), mas “naturalmente cooperativo” (tendente à conciliação e à Paz). O fato incontestado é que somos seres sociais – a Natureza e a Evolução nos fizeram assim! – e não antissociais. Como explicou o

¹⁵ AUGÉ, Marc. **Para onde foi o futuro?** Campinas: Papirus, 2012, p. 92.

médico psiquiatra e psicanalista Boris Cyrulnik, “A maioria dos determinantes humanos são apenas tendências que nos orientam para uma trajetória existencial, um estilo relacional que torna nosso caminho de vida agradável ou doloroso.”¹⁶ Além disso, nosso desenvolvimento pleno (físico, intelectual, psíquico, social) depende, integralmente, do contato e da convivência amistosos com o Outro... Fatos comprovados pela Ciência, mas frequente ou constantemente negados, desconsiderados ou esquecidos pelos indivíduos e as massas, que preferem acreditar, irrefletidamente, na suposta “maldade” que “habita o coração” de cada um. Em pessoas fisicamente saudáveis e psicologicamente equilibradas e maduras, os rompantes de raiva e ódio, com ou sem motivos, são momentos passageiros de descontrole emocional, logo superados e neutralizados pelo pensamento racional. Se fôssemos “agressivos por natureza” e inescapavelmente violentos por “programação instintiva”, todas as tentativas de vida em sociedade (e mesmo em família) seriam impossíveis e já estaríamos extintos há muito tempo... Os conflitos armados e a Guerra não foram e não são motivados pelos nossos “instintos”, mas pelo egoísmo e a ganância desmedidos de alguns (que certamente têm problemas psíquicos), que conseguem chegar ao Poder e manipular as massas como querem – o que não é difícil quando se tem a indústria da Propaganda e a máquina do Estado sob controle, ambas distorcendo e moldando realidades bem diferentes do Real. De acordo com o historiador Eric Hobsbawm, “O século XX foi o mais mortífero de toda a história documentada. O número total das mortes causadas pelas guerras do século ou associadas a elas foi estimado em 187 milhões de pessoas [...]”¹⁷ Outros pesquisadores falam em 300 milhões de vítimas ou mais! E nem assim, a Humanidade foi capaz de “aprender a lição” e internalizar, de uma vez por todas, que os conflitos armados não servem para resolver, de verdade, questões problemáticas de ordem social, cultural, econômica, financeira ou política. Ainda nas palavras de Eric Hobsbawm, “Desde o fim da Guerra Fria as decisões sobre a paz e a guerra têm sido improvisadas.”¹⁸ Isto é, tomadas sem maiores preocupações com suas implicações futuras (não raro, catastróficas) para as partes envolvidas e a Comunidade Internacional. O próprio funcionamento “sistêmico” do mundo globalizado – que na verdade é um só, independentemente dos Estados e de suas fronteiras artificialmente determinadas – é amplamente desconsiderado.

¹⁶ CYRULNIK, Boris. **Falar de amor à beira do abismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 54.

¹⁷ HOBBSAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 21.

¹⁸ *Ibidem*, p. 33.

Possível, mas, propositalmente, improvável

Infelizmente, a Paz Mundial é muito improvável no atual cenário político internacional e, não por acaso, é percebida e tratada como idealismo e utopia (nos piores sentidos desses termos). O funcionamento característico do sistema em vigor – capitalista, neoliberal, concorrencial, predatório, hegemônico – impede, estruturalmente, a construção e manutenção de realidades respeitadas, empáticas e pacíficas entre os Estados e seus respectivos povos e culturas (sempre há dominadores e dominados, opressores e oprimidos – a Violência como vetor e tônica das interações humanas). E como ressaltou Marc Ferro, “[...] os ideais de 1789 jamais foram atingidos: não somente a igualdade ou a liberdade, mas também a fraternidade e, de modo mais geral, os direitos humanos.”¹⁹ Pior do que isso, os jogos de Poder e influência nos planos local, regional e global, obrigam os Governos a serem egoístas, gananciosos, desconfiados, traiçoeiros, intolerantes, xenófobos e, sobretudo, agressivos... E não raro, em grau patológico e patogênico – a Guerra é o sintoma! Como apontou o economista e internacionalista Luis Fernando Ayerbe, “[...] os efeitos estruturais desagregadores da atual configuração global criam novas fontes de conflito para as quais não existe capacidade adequada de resposta.”²⁰ O fazer político – contaminado, envenenado, distorcido – é ameaçador e “guerreiro” e não conciliador e “pacífico” e até mesmo a Diplomacia (supostamente, a Política de alto nível) deixou de ser “pacificadora” para tornar-se, majoritária ou exclusivamente, negocial-comercial-interesseira (sob o pretexto de ser mais realista e pragmática – leia-se, imoral e indiferente com o Outro). Como explicou o cientista político John Mearsheimer,

[...] a maioria das pessoas compreende intuitivamente que a política internacional é uma área sórdida e perigosa, e que os países em algumas circunstâncias têm boas razões para agir de forma contrária às normas liberais ou ao direito internacional.²¹

Compreensão esta que, longe de indicar um “realismo político” (ou seja, uma visão de mundo pautada pela Razão, a Inteligência e o Pragmatismo verdadeiros), evidencia, de

¹⁹ FERRO, Marc. **A reviravolta da história**: a queda do muro de Berlim e o fim do comunismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011, p. 85.

²⁰ AYERBE, Luis Fernando. In: VECCHIO, Angelo del (Org.). **Política internacional e hegemonia**: Brasil e Estados Unidos no contexto da globalização. São Paulo: Sociologia e Política, 2010, p. 67.

²¹ MEARSHEIMER, John J. **Por que os líderes mentem**: toda a verdade sobre as mentiras na política internacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012, p. 113.

modo inequívoco e lamentável, o alto grau de imoralidade impregnado no Senso Comum, quando o assunto é a Política e seu funcionamento “normal”, padrão, típico... O resultado prático da imoralidade tornada “norma” (e integrada à cultura política *lato sensu*), tanto no âmbito interno quanto no externo, é que não conseguimos, nem com todos os avanços culturais e científico-tecnológicos da contemporaneidade, viver em Paz com o Outro... E o *Homo sapiens sapiens* já existe há uns duzentos mil anos! Nossos aparelhos e máquinas podem ser avançados, mas nossas formas de pensar e agir “em conjunto” (enquanto espécie única – a raça humana) ainda são primitivos, irracionais, animalescos. E como constataram o diplomata Stéphane Hessel e Edgar Morin, “A humanidade inteira confronta hoje um conjunto de crises que se permeiam e, no todo, constituem a Grande Crise de uma humanidade que não consegue atingir o estado de Humanidade.”²² Em outras palavras, continuamos “andando em círculos” – e perdendo vidas, recursos e tempo – quando o assunto é a realização de uma Política Externa realmente cooperativa e, principalmente, a construção da Paz entre os Homens. Os frequentes ou constantes conflitos armados que assolam os povos da Terra (e às vezes, os mesmos grupos humanos por gerações ou Eras) são sintomas inegáveis – e provas cabais – de que existe algo de errado, de muito errado, em nosso modo de operacionalizar as políticas Interna e Externa. O que não chega a nos causar estranhamento ou choque (o que também é sintomático e alarmante), pois, como registrou Eric Hobsbawm, “[...] as políticas dos Estados e das potências não são prioritariamente determinadas por considerações éticas.”²³ Ainda que devessem sê-lo e que isso fizesse toda a diferença no presente e no futuro. Os que defendem a Paz são, propositalmente, tachados de idealistas e utopistas sem conhecimento sobre a “realidade” da Política e, desse modo, desacreditados publicamente, junto com suas ideias e propostas para construção de um mundo melhor, mais justo e pacífico... É assim que o Sistema garante que não haja vozes dissonantes e discursos capazes de gerar o questionamento individual e coletivo e eventuais mudanças estruturais. Aliás, como Marc Augé fez questão de ressaltar,

A acusação de irrealismo é um dos braços da tenaz que estrangula hoje, imediatamente, qualquer proposta radical. Taxar de irrealismo toda proposta de transfor-

²² HESSEL, Stéphane; MORIN, Edgar. **O caminho da esperança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 8.

²³ HOBBSAWM, Eric. **O novo século**: entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 26.

mação radical é recusar de antemão prestar atenção às constatações que a fundamentam.²⁴

E quando a maioria das pessoas acredita que a Paz entre os Homens é impossível (uma programação mental-comportamental que afeta o Real, o Simbólico e o Imaginário), ela se torna, de fato, inviável na prática – confirmando sua “impossibilidade” e reforçando o discurso oficial, essencialmente paranoico e beligerante, que banaliza e naturaliza a Violência e o Mal. Mas como bem lembrou o filósofo Vladimir Safatle, “[...] toda grande ideia apareceu, para os que temem o futuro, como loucura.”²⁵ Ou como Utopia. O fato é que a Paz Mundial é tão possível, em termos teóricos e práticos, quanto qualquer outro projeto humano de grande magnitude e complexidade... Como, por exemplo, voar em máquinas mais pesadas que o ar, enviar astronautas à Lua ou sondas robôs telecomandadas a Marte. Todos os avanços do Homem e da Civilização foram resultado da perseguição obstinada de sonhos, ideais e utopias nas mais diversas áreas do Saber; e não podemos nos esquecer disto nunca. E nem podemos perder a vontade de caminhar em direção ao “melhor dos mundos”, com Paz universal e perpétua. Como declarou Martin Luther King, “Devemos aceitar a decepção finita, mas nunca perder a esperança infinita.”²⁶ Além disso, como constatou Norberto Bobbio, “O desenvolvimento técnico assumiu tais dimensões a ponto de nos pôr diante dessa alternativa: ou a autodestruição ou a democracia universal.”²⁷ Infelizmente, e por motivos difíceis de acreditar e compreender, o Homem costuma escolher a primeira opção. Ainda nas palavras de Norberto Bobbio, “Não podemos, não devemos ser otimistas. Otimista é hoje aquele que renunciou a estar consciente, com sinceridade, sem falsos ídolos, do mundo em que vive.”²⁸ E que se diz “realista” para justificar, para si e para o Outro, a violência brutal e hedionda que grassa sobre a Terra. Como reconheceu a escritora Bertha von Suttner, primeira mulher a receber o Prêmio Nobel da Paz, em 1905,

Os defensores do pacifismo estão bem conscientes do quão escassos são seus recursos em termos de influência pessoal e de poder. Eles sabem que ainda não são numerosos e que são fracos de autoridade; porém, quando eles realisticamente

²⁴ AUGÉ, Marc. **Para onde foi o futuro?** Campinas: Papirus, 2012, p. 114.

²⁵ SAFATLE, Vladimir. In: HARVEY, David *et al.* **Occupy**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012, p. 50.

²⁶ KING, Martin Luther. **As palavras de Martin Luther King**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 32.

²⁷ BOBBIO, Norberto. **Qual democracia?** São Paulo: Loyola, 2010, p. 41.

²⁸ *Idem*. **O terceiro ausente**: ensaios e discursos sobre a paz e a guerra. Barueri: Manole, 2009, p. 58.

derem conta de si, do ideal ao qual servem, se enxergarão como servidores da maior de todas as causas.²⁹

A Grande Causa do Homem e da Humanidade. Ou pavimentamos e percorremos o caminho da Paz – uma das “razões de existir” do Direito e da Política – ou avançaremos, cada vez mais rápido, em direção ao abismo... O que, aliás, temos feito até agora, com força total. Como alertou Amin Maalouf, “O tempo não é nosso aliado, é nosso juiz, e já entramos num período de liberdade condicional.”³⁰ De modo que a escolha coletiva, de toda a Humanidade reunida, entre permanecer ou perecer, é urgente e inadiável... E inescapável.

²⁹ SUTTNER, Bertha von. *In*: ABRAMS, Irwin. **Heróis da paz**: o que ganhadores do Prêmio Nobel da Paz têm a nos dizer. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011, p. 15-16.

³⁰ MAALOUF, Amin. **O mundo em desajuste**: quando nossas civilizações se esgotam. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011, p. 13.

CAPÍTULO 1

DIREITO

A comunidade, mais ou menos estreita, que se foi estabelecendo entre os povos da terra, já chegou até o ponto de que uma violação do direito, cometida em um lugar, repercutisse nos demais [...].³¹

Todo ser, físico ou moral, tem necessidade de limites externos impostos. Todo poder tem necessidade de um contrapoder para proteger os outros de suas extrapolações e também se proteger de si mesmo.³²

[...] a menos que o caminho da razão, da lei e das obrigações ditadas pelo respeito aos tratados seja seguido, as perspectivas são bastante sombrias.³³

O papel do Direito na construção e manutenção da Paz Mundial é o mais importante possível. Sem a existência de regras e leis “globais” universalmente observadas, respeitadas e obedecidas (e sem exceções e privilégios), a Comunidade Internacional se torna, de fato, uma “Sociedade Anárquica” – e em prejuízo constante e continuado de todos os Estados e povos e, conseqüentemente, da Civilização e da Humanidade (que tem um futuro inescapavelmente comum). Como explicou o jurista e internacionalista Salem Nasser, “A vida em sociedade implica regulação. As várias formas de regulação organizam o espaço social e orientam o comportamento dos atores.”³⁴ Viabilizando, assim, a coexistência, os intercâmbios de todo tipo e a cooperação em seus vários níveis operacionais e geográficos (local, regional, global). E como destacou o diplomata João Augusto Vargas, “Não existe um sistema internacional ‘desorganizado’, de modo que a realidade internacional é fundamentalmente constituída por regras.”³⁵ Contudo, como apontou o cientista político Angelo del Vecchio, “Na arena internacional, não existem instituições com autoridade política para impor normas de contingência à ação do Estado [...]”.³⁶ O que explica, ao menos em parte, a origem e

³¹ KANT, Immanuel. **Rumo à paz perpétua**. São Paulo: Ícone, 2010, p. 65.

³² MAALOUF, Amin. **O mundo em desajuste**: quando nossas civilizações se esgotam. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011, p. 185.

³³ CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 74.

³⁴ NASSER, Salem Hikmat. **Fontes e normas do direito internacional**: um estudo sobre a *soft law*. São Paulo: Atlas, 2005, p. 33.

³⁵ VARGAS, João Augusto Costa. **Campanha permanente**: o Brasil e a reforma do conselho de segurança da ONU. Rio de Janeiro: FGV, 2011, p. 14.

³⁶ VECCHIO, Angelo del. In: VECCHIO, Angelo del (Org.). **Política internacional e hegemonia**: Brasil e Estados Unidos no contexto da globalização. São Paulo: Sociologia e Política, 2010, p. 23.

a motivação da maioria dos problemas internacionais do passado e do presente (e muito provavelmente, do futuro) dentre os quais, a Guerra, figura e desponta como o pior e mais nocivo de todos. Nas palavras de Eric Hobsbawm, “Existe agora, como durante todo o transcurso do século XX, uma ausência total de qualquer autoridade global efetiva que seja capaz de controlar ou resolver disputas armadas.”³⁷ E a falta de uma instância ultranacional³⁸ legítima, representativa e capaz de se fazer ouvir e respeitar por todos os Estados da Terra, mesmo os mais poderosos e influentes (e principalmente eles), tem mergulhado a raça humana em frequentes ou constantes – e sempre terríveis – massacres e banhos de sangue. Como o filólogo e historiador Tzvetan Todorov fez questão de ressaltar,

[...] para que a sociedade funcione, todos devem crer que alguém garante as regras segundo as quais se vive. Se o terceiro, que é o fiador, viesse a desaparecer, seríamos reconduzidos ao reino animal, [...] estado no qual somente a força importa.³⁹

Situação esta, de caos e de barbárie amplos e irrestritos, que é diametralmente oposta ao conceito de Civilização. De acordo com o filósofo Michel Serres, “Ao obstar o crescimento da violência, o direito condiciona toda a sociedade.”⁴⁰ Criando, assim, bases mínimas de estabilidade social e segurança jurídica, que possibilitam e favorecem o estabelecimento e a construção de relações harmoniosas e pacíficas entre indivíduos, grupos de indivíduos, populações, povos e Estados... E que sempre podem ser desenvolvidas e melhoradas com o passar do tempo (desde que haja vontade, respeito e confiança recíprocos), evoluindo de “mínimas” a “máximas”. O caminho da Paz é o caminho do Direito! E vice-versa. Mas como alertou Salem Nasser,

Quando se pretende, em qualquer circunstância, prever ou entender o comportamento dos Estados, falhará completamente aquele que se guiar exclusivamente pelas normas do direito internacional, ou por eventuais normas de moral, seja ela universal, internacional ou regional.⁴¹

³⁷ HOBBSBAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 28.

³⁸ De agora em diante, e por conta do grau de contato e integração dos Homens e dos povos, não é suficiente que as regras e leis, o Direito e as instituições, sejam meramente supranacionais (acima da Nação); é preciso que sejam “ultranacionais” (além do próprio conceito de Nação e de suas restrições reais, simbólicas e imaginárias).

³⁹ TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 123.

⁴⁰ SERRES, Michel. **A guerra mundial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 82.

⁴¹ NASSER, Salem Hikmat. **Fontes e normas do direito internacional**: um estudo sobre a *soft law*. São Paulo: Atlas, 2005, p. 33.

O universo do Poder – real, simbólico, imaginário – é essencialmente imoral (e não amoral ou “realista” como querem seus apologistas) e violador, contumaz ou automático, de toda e qualquer regra ou lei que tenha por objetivo proteger, defender e favorecer o Bem Comum... Quem busca o Poder, ou mais Poder ainda, não quer a Igualdade e a Paz entre os Homens – as lógicas, mecânicas e dinâmicas, são distintas ou absolutamente contrárias e irreconciliáveis. Além disso, os rumos que levam à pacificação verdadeira e duradoura dos ânimos e almas dos humanos são, essencialmente, e necessariamente, altruístas, universalistas e “distributivos” e não egoístas, etnocêntricos e “acumulativos” (não nos esqueçamos de que o Capitalismo, enquanto sistema ideológico-econômico-administrativo, não é um gerador de fraternidade e harmonia entre os povos; e nem pode ser). Infelizmente, o Homem costuma seguir por “atalhos” comerciais, econômicos, financeiros e políticos que, invariavelmente, conduzem aos conflitos egotistas de interesses, ao ódio, à violência e à auto-destruição... E como destacou Tzvetan Todorov,

[...] a guerra sempre acarreta a suspensão de certas normas legais e morais. O ato mais condenável que existe, matar um semelhante, após ser rebatizado de “eliminar um inimigo”, torna-se o ato mais valoroso. Abalados os fundamentos da vida comum, as transgressões às regras específicas deixam de aparecer como tais.⁴²

E o Direito, o grande e legítimo “estabilizador do Social”, é rápida ou instantaneamente substituído pela força bruta – a Violência em seu mais alto grau... O Homem lutando contra o próprio Homem. Na constatação do filósofo Wolfgang Maar, “O uso puro e simples da força sempre existe.”⁴³ Daí a obsessão tenebrosa dos Governos pelo desenvolvimento e aquisição de armas cada vez mais poderosas e devastadoras; algo que, por si só, é capaz de gerar corridas armamentistas por toda parte, em efeito cascata ou dominó. O absurdo é tão grande – e a verdadeira racionalidade tão ausente – que alguns governantes de países pobres e “falidos”, Estados notoriamente arruinados e “inviáveis”, destinam mais recursos financeiros à compra de armas e munições (que podem ou não ser usadas algum dia) que à produção e distribuição de alimentos ou remédios para as próprias populações... Ao invés de pratos de comida e vacinas, ambos indispensáveis à Vida, metralhadoras e morteiros para todos, úteis apenas à Morte.

⁴² TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 62.

⁴³ MAAR, Wolfgang Leo. **O que é política**. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 72.

Onde está o Direito Internacional?

Onde está o Direito Internacional quando precisamos dele? Como denunciou o historiador Richard Drayton, “[...] hoje, lançamos bombas de fragmentação, assassinamos civis e torturamos prisioneiros de guerra em nome da democracia e dos direitos humanos.”⁴⁴ Dando origem ou continuidade às mais diversas formas de perversidade e barbárie “planejadas” e “tecnologicamente assistidas” já concebidas pelo Homem. De acordo com o jurista Thomas Fleiner, “A experiência nos ensina que quem exerce um pouco de poder sobre os outros, com o tempo, abusa deste poder, se não for controlado.”⁴⁵ O que, francamente, não é nenhuma novidade ou surpresa quando se trata de “Realismo Político” e busca ensandecida de hegemonia regional, hemisférica ou global – seja ela real ou imaginária. Como verificou Amin Maalouf, “[...] todos os países usaram e abusaram do poder toda vez que tiveram a oportunidade, ao longo da História [...].”⁴⁶ De modo que a Comunidade Internacional sempre foi amplamente desrespeitada e profundamente prejudicada, especialmente pelas potências (ou exclusivamente por elas), que simplesmente ignoram as regras e leis de relação e convívio harmoniosos e pacíficos, no plano internacional, quando bem entendem. Como o historiador Ernst Gombrich fez questão de ressaltar, “[...] o ‘direito do mais forte’ não é direito coisa nenhuma. É um ‘não-direito’, em outras palavras, uma total injustiça.”⁴⁷ E mesmo assim, nada impede os Estados fortes ou fortíssimos – que têm exércitos modernos e bem equipados e armas de destruição em massa (convencionais, biológicas, químicas, nucleares) operacionais e disponíveis – de ameaçar, atacar, destruir, conquistar e explorar os Estados fracos ou “quebrados”, como e quando quiserem, e pelo tempo que for... Do colonialismo ao neocolonialismo e, deste, à dominação e controle absolutos e inapeláveis dos “povos inferiores” e daqueles rotulados como “em desenvolvimento” – uma espécie de “cibercolonialismo” transnacional e ultrassoberano de bases (e matriz ideológica) monetária e financeira. Aliás, como bem lembrou Boris Biancheri, “[...] desde que o mundo é mundo os países maio-

⁴⁴ DRAYTON, Richard. In: SWAIN, Harriet (Org.). **Grandes questões da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 84.

⁴⁵ FLEINER, Thomas. **O que são direitos humanos?** São Paulo: Max Limonad, 2003, p. 57.

⁴⁶ MAALOUF, Amin. **O mundo em desajuste**: quando nossas civilizações se esgotam. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011, p. 185.

⁴⁷ GOMBRICH, Ernst Hans. **Breve história do mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 186.

res tendem a tomar entre si as decisões que dizem respeito aos menores.”⁴⁸ Como se fossem possuidores de um direito “natural” ou “lógico” – e talvez, até mítico! – de mando sobre o Outro e, mais marcante e sintomático, de usufruto integral e ilimitado dos bens alheios (saquear territórios torna-se juridicamente previsto e permitido). Nas palavras de Thomas Fleiner, “As garantias do direito internacional são ainda hoje muito rudimentares.”⁴⁹ E pouco ou nada eficientes e eficazes no mundo real – isto é, longe dos encontros de políticos e empresários, assembleias de diplomatas e cortes internacionais com advogados e juízes. Ademais, como apontou o jurista e internacionalista Bruno Pereira, “[...] as transformações da sociedade internacional possuem um dinamismo próprio, que alimenta um descompasso entre a necessidade de regulamentação e a efetiva regulamentação.”⁵⁰ E se considerarmos a patente falta de vontade política (e ética) dos Estados em “organizar as coisas” e seguir as leis (com vistas à construção de um mundo melhor), é o Direito Internacional que se parece, cada vez mais, com uma utopia; um ideal fantasioso e inalcançável e, portanto, inútil... Para todos os efeitos práticos, uma *Soft Law* não tem espaço, e muito menos força, no mundo *hard*, insensível e estruturalmente violento da *Realpolitik*. Além disso, como enfatizou John Mearsheimer, “Quando os países atuam de alguma maneira contra as normas liberais ou o direito internacional, seus dirigentes costumam inventar histórias falsas projetadas para mascarar o que estão fazendo.”⁵¹ E apesar de muitos conseguirem reconhecer e compreender a verdade por trás das “representações teatrais” montadas para e apresentadas à Opinião Pública, percebendo, claramente, as estratégias e táticas de dominação e manutenção do Poder, “viver de aparências” – e de mentiras! – parece ser aceitável e tolerável no fragilizado e quebradiço cenário político contemporâneo... Até que outro conflito (mais um de uma série histórica sem fim) seja deflagrado e comece a se espalhar como uma doença, uma praga, uma maldição que sempre assola o Homem. Como escreveu Tzvetan Todorov, “[...] a força se adorna com as cores do direito.”⁵² E com a imagem reluzente, sedutora e hipnótica de tudo aquilo que é percebido pelos indivíduos e povos da Terra como positivo e desejável: o Bem, a Justiça, a Liberdade, a Democracia, a Paz. Ainda nas palavras de Tzvetan Todorov,

⁴⁸ BIANCHERI, Boris. **Conciliar o mundo**: a diplomacia na era global. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 119.

⁴⁹ FLEINER, Thomas. **O que são direitos humanos?** São Paulo: Max Limonad, 2003, p. 33.

⁵⁰ PEREIRA, Bruno Yepes. **Curso de direito internacional público**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 76-77.

⁵¹ MEARSHEIMER, John J. **Por que os líderes mentem**: toda a verdade sobre as mentiras na política internacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012, p. 110.

⁵² TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 79.

“O direito internacional permanece submisso à força, desde que esta seja verdadeiramente forte.”⁵³ O exemplo típico, paradigmático, perfeito, é o dos Estados-potências que compõem o Conselho de Segurança em caráter permanente e com poderes de veto... Eles inventaram essa superinstância artificial e antidemocrática de Poder, esse panóptico das Relações Internacionais, com o intuito inocultável de comandar, controlar e influenciar o mundo e a Humanidade, conforme seus interesses egoístas, etnocêntricos e megalomaniacos, de modo que não pudessem ser questionados, contrariados, alcançados, atingidos, impedidos, depositos; uma superinstância pensada para ser imutável e perpétua, acima do Bem e do Mal, e funcionar em detrimento das necessidades, anseios e reivindicações dos demais Estados e povos da Terra somados – sob todos os aspectos, uma aberração (ética, moral, filosófica, jurídica, sociológica, psíquica, política). Um anacrônico e absurdo Olimpo onde todos os “deuses” são encarnações da Guerra – todos são Ares! – e o único titã sobrevivente, com medo paranoico de ser destronado e vencido, está sempre disposto a atacar e devorar quem quer que seja... Como enfatizou o linguista e cientista político Noam Chomsky,

A questão mais crítica é o desprezo às leis, e especificamente o recurso à força para preservar uma “ordem mundial estável”, essencialmente no interesse daqueles que se arrogam o direito de gerir a economia global.⁵⁴

Estados estes, que não permitirão que algum “freio ou contrapeso” externo – como o Direito Internacional – atrapalhe seus planos e práticas de controle, condução e usufruto do Sistema, da Globalização e do Capitalismo. De fato, a chamada Nova Ordem Mundial é exatamente igual à Antiga (e às anteriores, desde a Aurora dos Tempos), com os fortes dominando os fracos e cuidando para que não se rebelem e libertem jamais... Só que desta vez, com arsenais de armas nucleares e termonucleares para dissuadir ou desintegrar os resistentes e opositores. Nas palavras do jornalista e escritor Huw Richards, “[...] as leis efetivas são um suporte essencial para qualquer sociedade que funciona.”⁵⁵ Mas como explicou Angelo del Vecchio, “[...] ressalvadas as exceções do direito internacional, o Estado, no plano

⁵³ TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 88.

⁵⁴ CHOMSKY, Noam. **Rumo a uma nova guerra fria**. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 261.

⁵⁵ RICHARDS, Huw. In: SWAIN, Harriet (Org.). **Grandes questões da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 143.

externo, não reconhece limites de natureza legal ou moral.”⁵⁶ E se levarmos em conta que o Direito Internacional pode ou não ser observado, respeitado e obedecido, nada é capaz de impedir as potências – especialmente, a maior delas – de realizar seus objetivos “estratégicos” e “táticos” por “Razões de Estado”. E sejam eles quais forem. Como reconheceu Noam Chomsky,

Com toda a certeza, nenhuma “sociedade civilizada” mergulharia o mundo numa guerra abrangente, em vez de seguir os procedimentos prescritos pelas leis internacionais, de acordo com precedentes bastante notórios.⁵⁷

Mas é importante ter em mente que os procedimentos e as leis internacionais só são observados, respeitados e obedecidos, em parte, quando conveniente, e para dar a impressão de que o Bom Senso, a Diplomacia e a Justiça vêm antes das guerras comerciais e financeiras, das balas e das bombas, e têm prevalência sobre estas. No mundo real, que foi construído sobre os princípios maquiavélicos, deturpados e violentamente desagregadores do chamado “Realismo Político” (que não é nem “realista” nem “político”), a pena não é mais forte que a espada... E como sabemos, alguns exércitos têm espadas bem pontiagudas e afiadas, em cujas lâminas, as manchas de sangue, especialmente de populações civis inocentes, nunca chegam a secar. Ademais, como lembrou o diplomata Samuel Guimarães, “[...] uma pequena parte da população mundial concentra a maior parte do poder nos seus diferentes aspectos militar, tecnológico e econômico. Essa parcela procura, permanentemente, criar normas internacionais que consolidem privilégios de forma permanente.”⁵⁸ Usando e manipulando o Direito Internacional a seu favor. Nas palavras do historiador e internacionalista Carlos Eduardo Vidigal, “[...] o respeito ao direito internacional é o único caminho na construção de uma ordem um pouco mais harmônica. Daí a importância de se defender e preservar as leis, as entidades e os regimes internacionais.”⁵⁹ Quando esses três “organizadores do Social” funcionam adequadamente (leis, entidades, regimes) a Sociedade Internacional deixa de ser anárquica e começa a ser democrática – o que, logicamente, é

⁵⁶ VECCHIO, Angelo del. *In*: VECCHIO, Angelo del (Org.). **Política internacional e hegemonia**: Brasil e Estados Unidos no contexto da globalização. São Paulo: Sociologia e Política, 2010, p. 23.

⁵⁷ CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 92.

⁵⁸ GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. *In*: JAKOBSEN, Kjeld (Org.). **A nova política externa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010, p. 16.

⁵⁹ VIDIGAL, Carlos Eduardo. *In*: OLIVEIRA, Henrique Altemani de; LESSA, Antônio Carlos (Orgs.). **Política internacional contemporânea**: mundo em transformação. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 4.

melhor para todos. Como escreveu Norberto Bobbio, “A paz é a condição *sine qua non* para uma eficaz proteção dos direitos do homem e, ao mesmo tempo, a proteção dos direitos do homem favorece a paz.”⁶⁰ Ocorre que, no mundo de hoje, nem o Homem e nem a Paz estão na lista de prioridades dos poderosos; e o Direito e a Justiça tampouco... Na Agenda do Poder só existem a busca e a concentração de Poder. Sempre patológicas, patogênicas, destrutivas.

Autodeterminação e Soberania

Todos os povos da Terra têm direito à Autodeterminação e, dentro dos limites territoriais reconhecidos de seus respectivos Estados, direito à Soberania. Mas é preciso compreender que esses direitos não são um “vale-tudo” e não podem servir de justificativa corrente para ações, reações ou omissões que prejudiquem o Outro (comunidades, povos, Estados, Blocos) e afetem, negativamente, a Comunidade Internacional. A estabilidade do mundo depende, cada vez mais, da integração amistosa e sincera dos Homens; e não por uma questão de idealismo ou “romantismo” político, mas de otimização de esforços, uso racional e eficiente dos recursos disponíveis (e escasseando) e, sobretudo, inteligência sistêmica. Além disso, uma coisa é escolher os rumos da Nação e como melhor administrar o próprio país e outra, bem diferente, é fugir das responsabilidades e obrigações internacionais por puro egoísmo e conveniência... O que muitos chamam de “pragmatismo” ou “realismo” na Política Externa é, na verdade, a mais pura desconsideração pelo Bem Comum e a perpetuação simbiótica e sustentável da espécie... E nada poderia ser mais perigoso neste exato momento histórico e ambiental. Para o sociólogo Arjun Appadurai, “[...] a soberania nacional agora é um projeto duvidoso por razões técnicas específicas de um novo tipo e escala.”⁶¹ No mundo globalizado, o próprio conceito de Soberania é bastante problemático, pois sua lógica é de fechamento, isolamento e impermeabilidade voluntária ao que vem de fora, do Estrangeiro... Indo, portanto, contra o movimento natural – e, cada vez mais, inevitável – de integração progressiva de costumes, culturas, regras de convivência, leis, fluxos

⁶⁰ BOBBIO, Norberto. **O terceiro ausente**: ensaios e discursos sobre a paz e a guerra. Barueri: Manole, 2009, p. 117.

⁶¹ APPADURAI, Arjun. **O medo ao pequeno número**: ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras: Itáu Cultural, 2009, p. 36.

econômicos e financeiros, pesquisas científicas avançadas e formas universais de administração dos interesses materiais e imateriais da Humanidade. Como explicou o também sociólogo Anthony Giddens, “A soberania já não é uma questão de tudo-ou-nada, se é que já o foi: as fronteiras estão se tornando mais imprecisas do que costumavam ser [...]”.⁶² Ademais, como enfatizou Bruno Pereira, “Soberania intacta e absoluta, apenas se o Estado for autosuficiente e conseguir se manter à margem da sociedade internacional, o que, convenhamos, é muito difícil.”⁶³ E só causa prejuízos ao Estado em posição de isolamento por opção; aliás, uma péssima opção. Nas palavras de Edgar Morin,

[...] a soberania absoluta das nações serve de obstáculo exatamente na emergência de uma sociedade-mundo. Emancipadora e opressiva, a nação torna extremamente difícil a criação de confederações, que responderiam às necessidades vitais dos continentes, e serve de obstáculo ao nascimento de uma confederação planetária.⁶⁴

De modo que abrir mão do poder soberano – e fazê-lo progressivamente – não é um sinal de fraqueza política-estatal-administrativa, mas uma demonstração clara e bem-vinda de que a raça humana caminha em direção a uma reunião final; uma confederação de povos parceiros e mutuamente solidários que, aliás, ocorrerá mais cedo ou mais tarde... Mas, enquanto isso não acontece, tudo vai de mal à pior. Como apontou o economista Francis Fukuyama, “Hoje, a discussão entre membros da comunidade internacional se concentra na questão de quem decide qual soberania irá violar, e sob qual pretexto.”⁶⁵ E os pretextos encontrados pelas potências – ou simplesmente inventados conforme a necessidade do momento – são tão abrangentes, genéricos e “flexíveis” quanto o uso, por parte dos Estados, do conceito “coringa” de Soberania. Na prática, os países ricos e poderosos podem escolher entre pautar e limitar suas ganâncias pelo Direito Internacional ou não (afinal, eles têm muito Dinheiro e muitas Armas) enquanto os pobres e fracos, ou completamente desestruturados e debilitados, devem obedecer, não apenas ao que determina o Direito Internacional (o que não seria um problema se todos assim o fizessem), como submeter-se, incon-

⁶² GIDDENS, Anthony. **A terceira via**: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da socialdemocracia. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 42.

⁶³ PEREIRA, Bruno Yepes. **Curso de direito internacional público**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 2.

⁶⁴ MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo?**: ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 69.

⁶⁵ FUKUYAMA, Francis. **Construção de estados**: governo e organização mundial no século XXI. Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p. 137.

dicionalmente, às regras e imposições do Mercado, das finanças especulativas “em tempo real” e das empresas transnacionais (que exploram e espoliam seus recursos naturais, matérias-primas e populações à exaustão) sob as penas severas de serem ainda mais prejudicados por sanções, embargos e até mesmo invasões militares de forças de ocupação sempre prontas a agir... Governos que não “andam na linha” (na linha de sentido único do Capitalismo totalitário) são rápida e vigorosamente sufocados até ficarem de joelhos ou deixarem de existir. Na opinião de Francis Fukuyama, “O poder que é único para os Estados-nação soberanos, mesmo no mundo globalizado de hoje, é o poder de fazer cumprir as leis.”⁶⁶ Mas nada os impede de usar a Força, toda ela, para garantir o atingimento de objetivos próprios – e em detrimento dos demais Estados e povos – ignorando, de propósito, qualquer regramento em contrário. E se os integrantes da Comunidade Internacional não concordarem e protestarem, basta lançar mão da “carta mágica” da Soberania... Que serve, ao mesmo tempo, como justificativa, desculpa e álibi. Inclusive para fazer mal aos próprios nacionais. Na declaração enfática do diplomata Kofi Annan, ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 2001, “A soberania dos Estados não deve mais ser usada como um escudo para as graves violações de direitos humanos.”⁶⁷ E para nenhum outro tipo de violação. Como diagnosticou e concluiu Sigmund Freud, médico neurologista e psicanalista, que compreendia como poucos a agressividade do Homem,

[...] a via que conduz à segurança internacional impõe aos Estados o abandono incondicional de uma parte da sua liberdade de acção, por outras palavras, da sua soberania, e está fora de dúvida que não seremos capazes de encontrar outro caminho para essa segurança.⁶⁸

A dúvida que persiste é saber quanto tempo levará até que os políticos, sempre com medo de perder seus cargos, privilégios e poderes, compreendam e internalizem a inevitabilidade da integração humana e permitam o redimensionamento – e encolhimento – da Soberania.

⁶⁶ FUKUYAMA, Francis. **Construção de estados**: governo e organização mundial no século XXI. Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p. 150.

⁶⁷ ANNAN, Kofi. In: ABRAMS, Irwin. **Heróis da paz**: o que ganhadores do Prêmio Nobel da Paz têm a nos dizer. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011, p. 26.

⁶⁸ FREUD, Sigmund. In: EINSTEIN, Albert; FREUD, Sigmund. **Porquê a guerra?** Lisboa: Publicações Europa-América, 2007, p. 32.

Do Ideal ao Real

O Direito Internacional precisa ser conhecido, observado, respeitado e obedecido por todos os Estados, em todas as situações e circunstâncias do cotidiano. Sua existência – real, simbólica, imaginária – depende integralmente disso; bem como sua eficiência, eficácia e efetividade, nesta grande comunidade multiétnica, multicultural, multilateral e multipolar que é a Terra. Sigmund Freud reconheceu que “[...] o direito é a força de uma comunidade.”⁶⁹ E como asseverou Eric Hobsbawm, “O mundo não será viável se uma nação pode dizer simplesmente: ‘Sou poderosa o suficiente para fazer o que quiser, e por isso farei o que bem entender’.”⁷⁰ Se o nosso objetivo maior enquanto espécie inteligente (será mesmo?) for a construção e manutenção da Paz (e é bom que seja) a sempre presente e perigosa “megalomania de Estado” (ou daqueles que o lideram e conduzem) deve ser neutralizada. Afinal, uma ordem global realmente nova e unificadora só poderá surgir de governos cada vez mais comprometidos com o universal e não com o anacrônico, problemático e potencialmente beligerante conceito de Soberania; parente próximo – ou mãe e nutriz – do Etnocentrismo, do Nacionalismo, da Intolerância, da Xenofobia e da Guerra. Como explicou Salem Nasser,

O direito é a um só tempo um conceito e um instrumento a serviço dos homens e, por extensão, dos Estados. Instrumento para a regulação e a transformação da sociedade que é, podemos forjá-lo segundo a forma que lhe permitirá melhor desempenhar suas funções.⁷¹

O que, sem sombra de dúvida, pode ajudar a desenvolver um mundo substancialmente melhor e mais tranquilo para as futuras gerações; e desde já! Ainda nas palavras de Salem Nasser, “O direito vive tempos estranhos. [...] os homens, e com eles a vida em sociedade, caminham para um mundo com mais ou menos direito? Ou caminham para um mundo de ‘direito transformado’?”⁷² A transformação própria e necessária dos processos de adaptação e evolução... Para Carlos Roberto Husek, “Caminhamos para uma nova era no Direito Internacional. O sistema ainda é incipiente para reger a atividade do homem, mas as

⁶⁹ FREUD, Sigmund. In: EINSTEIN, Albert; FREUD, Sigmund. **Porquê a guerra?** Lisboa: Publicações Europa-América, 2007, p. 41-42.

⁷⁰ HOBBSAWM, Eric. **O novo século**: entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 26.

⁷¹ NASSER, Salem Hikmat. **Fontes e normas do direito internacional**: um estudo sobre a *soft law*. São Paulo: Atlas, 2005, p. 160.

⁷² *Ibidem*, p. 21.

fundações para edificar esse sistema já estão configuradas.”⁷³ Bastando aos Estados e Governos – que se dizem democráticos e garantidores dos direitos do Homem e do Cidadão – que façam suas partes (sociais, econômicas, políticas, diplomáticas entre outras) em prol do Bem Comum... E sem impor condições ou restrições egoístas, imorais ou ilegais. Michel Serres escreveu que “Só nos salvaremos do apocalipse se – e apenas se – os seres humanos de todos os países se unirem sem fronteiras para terem como único parceiro o mundo.”⁷⁴ E é certo que um cenário como esse, de união ultraestatal respeitosa e pacífica, só será possível em um “planeta de Direito”. Até porque, como pregou Martin Luther King, com grande sabedoria, “A verdadeira paz não é meramente ausência de tensão; é a presença da justiça.”⁷⁵ Da verdadeira, e facilmente reconhecível, Justiça.

⁷³ HUSEK, Carlos Roberto. **Curso de direito internacional público**. 10. ed. São Paulo: LTR, 2009, p. 346.

⁷⁴ SERRES, Michel. **O mal limpo: poluir para se apropriar?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 105.

⁷⁵ KING, Martin Luther. **As palavras de Martin Luther King**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 89.

CAPÍTULO 2

GUERRA

Os exércitos permanentes são uma incessante ameaça de guerra para os demais Estados, vez que estão sempre dispostos e preparados para combater. Os diferentes Estados se empenham em superarem-se uns aos outros em armamentos, que aumentam constantemente.⁷⁶

Os grandes blocos de poder mundiais falam apaixonadamente da busca pela paz, ao mesmo tempo em que os orçamentos de defesa incham, aumentando exércitos já aterradores e criando armas ainda mais devastadoras.⁷⁷

Seja como for que as coisas se apresentem, [...] um Estado jamais se beneficia com a perspectiva de uma guerra [...]. E é preciso considerar muito mais a paz do que a guerra.⁷⁸

A Guerra é a perda total do Racional e da Razão, o fracasso absoluto do Político e da Política, o colapso integral do Humanismo e do Humano. E qualquer tentativa de justificar e legitimar a Destruição e a Morte de modo “racional” ou “realista” é essencialmente impossível – isto é, contraditória em termos, paradoxal – e, sobretudo, altamente imoral, vergonhosa e condenável. De acordo com Michel Serres,

A guerra pode ser definida, de modo completamente tautológico, como organização da matança. Todo o resto, estratégias, diplomacia, teorias e outros refinamentos, universalmente celebrados, reduz-se a sublimações para esconder, enterrar no local mais recôndito de sua história, o fato de que a Humanidade ama matar e busca matar.⁷⁹

O próprio Carl von Clausewitz, militar obcecado pelo estudo meticuloso da aniquilação do Outro, reconheceu que “[...] a guerra é um ato de violência e não há nenhum limite para a manifestação dessa violência.”⁸⁰ De modo que a tão romanceada e propalada “beleza” das batalhas, registrada por todo tipo de artista ao longo da História, simplesmente não existe... E nem poderia existir, dado que matar um semelhante – ou milhões deles – não tem nada de belo, louvável ou épico; a não ser para os psicologicamente desequilibrados ou com

⁷⁶ KANT, Immanuel. **Rumo à paz perpétua**. São Paulo: Ícone, 2010, p. 25.

⁷⁷ KING, Martin Luther. **As palavras de Martin Luther King**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 90.

⁷⁸ MORUS, Tomás. **A utopia**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 31.

⁷⁹ SERRES, Michel. **A guerra mundial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 25.

⁸⁰ CLAUSEWITZ, Carl von. **Da guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 10.

graves distúrbios psiquiátricos. Ainda nas palavras de Carl von Clausewitz, “[...] os erros devidos à bondade da alma são precisamente a pior das coisas.”⁸¹ Devendo o soldado pensar e agir sem preocupações ou limitações éticas, morais e, muito menos, empatia e compaixão – o guerreiro deve ser a Fúria corporificada e implacável; e o guerreiro ideal um assassino em série e em massa. As características de objetividade, planejamento e eficiência operacional presentes nos universos industrial-militar e estratégico-tático não são resultado do uso da Razão (da verdadeira Razão, aquela que dificilmente ou nunca consideraria a Guerra como alternativa), mas da capacidade patológica de alguns indivíduos e instituições de Poder (que pode ser instigada e atizada nas massas e, depois, direcionada) de pensar e agir sem nenhuma consideração pelo Outro e a Vida... Características que a Psiquiatria e a Psicologia reconhecem e listam como as da psicopatia. Em outras palavras, o mundo da Guerra é, independentemente do que digam e ensinem seus doutrinadores e defensores, um mundo de psicopatas – o reino infernal do Ódio e do Horror, do não-humano e do desumano. Um território ou domínio sombrio e assustador onde a perversidade sádica tenta, sem sucesso, esconder sua face diabólica por trás de discursos políticos e militares nacionalistas, propagandas, relatórios, números, estatísticas, gráficos de desempenho e eventuais programas de “ajuda” e “reconstrução” oferecidos, esquizofrenicamente, por aqueles que atacaram, mataram e destruíram populações inteiras – “inimigos” e “amigos” são, doravante, categorias ou designações flexíveis, flutuantes, intercambiáveis. E como se a Maldade da Guerra não fosse suficientemente má, Richard Drayton destacou que “A capacidade de causar dor e morte a pessoas incapazes de reagir à altura estimula os poderosos a se verem como uma espécie diferente dos outros, e se torna parte de sua identidade.”⁸² Uma parte venenosa e altamente tóxica dos psiquismos individual e coletivo – e até do Imaginário de um Povo ou Nação, com seus mitos criadores e “heróis” combatentes (geralmente, assassinos cruéis) – que ajuda a construir, manter e reforçar uma “cultura de Guerra”; um estilo de vida aberrante no qual os conflitos armados, independentemente dos motivos e consequências, são percebidos, pela maioria da população, como eventos naturais e até mesmo desejáveis em certas circunstâncias – como, por exemplo, para “dar um jeito” em crises econômicas e financeiras prolongadas ou simplesmente “mostrar quem manda” aos povos e Estados descontentes ou

⁸¹ CLAUSEWITZ, Carl von. **Da guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 8.

⁸² DRAYTON, Richard. In: SWAIN, Harriet (Org.). **Grandes questões da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 87.

menos desenvolvidos em termos materiais. Ultrapassando os limites do grotesco, a Guerra tem sido usada pelos Governos como “medida anticíclica”, com os objetivos “defensáveis” de ativar ou melhorar a Indústria, gerar empregos, dinamizar a Economia e até aumentar o consumo interno... E contanto que o Outro seja atacado, perfurado, queimado, explodido, vaporizado e morto, a vida entre “Nós” continua seu curso “normal” – um normal patológico e patogênico que produz um sem-número de indivíduos “estragados”, intolerantes, agressivos e explosivos. Como os horrores dos combates são vistos pela televisão, como se fossem imagens de um filme de ação ou ficção, a população “anestesiada” e progressivamente desinteressada é incapaz de compreender a realidade brutal de um conflito armado “de verdade”, agindo com crescente indiferença diante do fato de seres humanos, seus semelhantes, serem massacrados e exterminados em algum lugar do planeta. Citando Stéphane Hessel, “A pior das atitudes é a indiferença, é dizer ‘não posso fazer nada, estou me virando’.”⁸³ E lamentavelmente, nós nos viramos o tempo todo... Na explicação do historiador Jeremy Black, “[...] a guerra não tem realmente a ver com a luta, mas com a tentativa de impor a vontade.”⁸⁴ Geralmente, a vontade megalomaniaca de um líder político ou militar, ou de um grupo de poderosos patologicamente gananciosos, que consegue convencer as massas a seguir suas ordens até o fim ou até que seja tarde demais para evitar o pior. Anthony Giddens apontou para o fato que “O Estado moderno foi forjado na provação da guerra, e a guerra ou a preparação para ela influenciaram a maior parte dos aspectos das instituições do Estado.”⁸⁵ O que nos ajuda a compreender a lógica guerreira que orientou e orienta os pensamentos e ações da maioria dos políticos no planeta. Mas como Noam Chomsky fez questão de ressaltar, “Cada guerra sucessiva produz novos níveis de ferocidade e destruição.”⁸⁶ De modo que nenhum problema socioeconômico ou político é efetivamente resolvido e superado... E nem poderia ser, já que os conflitos armados demonstram, publicamente, as piores intenções possíveis de um Governo e não o desejo de negociar e estabelecer relações interestatais harmoniosas e colaborativas – tiros e explosões não ajudam a fazer amigos e tampouco melhoram as coisas... Nas palavras de Tzvetan Todorov, “Não existem bombas huma-

⁸³ HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos!** São Paulo: Leya, 2011, p. 22.

⁸⁴ BLACK, Jeremy. In: SWAIN, Harriet (Org.). **Grandes questões da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 190.

⁸⁵ GIDDENS, Anthony. **A terceira via**: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da socialdemocracia. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 80-81.

⁸⁶ CHOMSKY, Noam. **Rumo a uma nova guerra fria**. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 529.

nitárias nem guerras misericordiosas, as populações que as sofrem contam os cadáveres e ignoram os objetivos sublimes (Dignidade! Liberdade! Direitos Humanos! Civilização!).”⁸⁷ Contudo, como escreveu Amin Maalouf,

Quaisquer que sejam os objetivos de uma operação militar, prefere-se dizer que a motivação é a justiça, o progresso, a civilização, Deus e Seus profetas, os fracos e oprimidos, assim como, é claro, a legítima defesa e o amor pela paz. Dirigente algum deve permitir que se proclamem, como seus motivos reais, a vingança, a avidez, o fanatismo, a intolerância, a vontade de dominação ou a de impor silêncio aos seus opositores.⁸⁸

Criando, assim, uma aura de “nobreza” e “heroísmo” em torno de cada ataque (explicado como inevitável), massacre (explicado como necessário) e “vitória” (explicada como merecida). A realidade inominável e ignominiosa da Guerra – que destrói e mata em termos físicos, mas, também, em termos psíquicos – é transformada, pela Propaganda, em uma luta épica do Bem contra o Mal, da Luz contra as Trevas, e todo tipo de violência é naturalizado, banalizado e aceito, sem maiores oposições ou críticas, como meio legítimo para chegar à Paz. Na explicação do sociólogo Michel Maffesoli, “É sempre em nome do Bem, do Ideal, do Humano, da Classe e de outras entidades abstratas que cometemos os atos mais torpes.”⁸⁹ E como a crítica literária e ensaísta Viviane Forrester fez questão de ressaltar, “[...] os crimes *contra* a humanidade são sempre crimes *da* humanidade. Por *ela* perpetrados.”⁹⁰ E somente possíveis, mesmo nos tempos atuais, por deixarmos nosso lado irracional – primitivo, intolerante, raivoso, incontrolável – tomar conta de nossos pensamentos e ações racionais sobre o Real. Para Edgar Morin, “Hoje estamos sob a dominação de uma nova espiral de violência tornada louca.”⁹¹ Uma espiral inflacionária de Medo e Horror cujo potencial de geração de sofrimento, morte e destruição aumenta em progressão geométrica... E com a nossa anuência! Como destacou o cientista político Geraldo Zahran,

No sistema internacional, como é bem sabido, não existe instância superior que regule as relações entre as partes. Devido a essa falta de autoridade reguladora, os

⁸⁷ TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 84.

⁸⁸ MAALOUF, Amin. **O mundo em desajuste**: quando nossas civilizações se esgotam. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011, p. 58-59.

⁸⁹ MAFFESOLI, Michel. **Apocalipse**: opinião pública e opinião publicada. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 42.

⁹⁰ FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: UNESP, 1997, p. 142.

⁹¹ MORIN, Edgar. **Para onde vai o mundo?** Petrópolis: Vozes, 2010, p. 58.

conflitos de interesses recorrentemente acabam por ser resolvidos com o uso da força.⁹²

E como sabemos, não existe uso da Força, militar neste caso, que não seja extremamente violento, letal, inesquecível para os sobreviventes... E que gere desejos, pensamentos, planos e ações de vingança, no presente e no futuro. Edgar Morin apontou para o fato que “Há riscos de guerra em todo o lado onde há enclaves, minorias, populações de diferentes origens misturadas.”⁹³ O que, no mundo globalizado, quer dizer em qualquer lugar... E pelos mais diversos motivos. Nas palavras do historiador Peter Furtado, “[...] as democracias gostam de acreditar que são notoriamente relutantes em ir para a guerra [...]”⁹⁴ Mas isso, obviamente, não é verdade... As “democracias” participaram e participam de todos os conflitos armados e sempre veem nas Armas uma das formas mais eficazes de “resolver problemas” e “fortalecer” as Relações Internacionais. Um paradoxo que pode ser facilmente explicado, pois, como escreveu o psicanalista e semiótico Ricardo Goldenberg, “[...] deve-se levar em consideração que toda política se exerce com a mira posta no poder de governar.”⁹⁵ E tanto a Ética quanto a Moral só atrapalham a conquista e a manutenção do Poder.

A resignificação doentia

A realidade da Guerra é psicologicamente insuportável e toda pessoa exposta às violências extremadas dos conflitos armados (irracionais e incompreensíveis) fica traumatizada, pelo resto da vida, de modo mais ou menos perceptível e incapacitante. A brutalidade dos combates é tão exagerada, além do concebível e assimilável mentalmente, que o psiquismo tem dificuldades enormes em atribuir-lhe significados lógicos e coerentes (e assim, elaboráveis) ou jamais consegue fazê-lo. Não por acaso, os veteranos voltam para casa totalmente mudados, transtornados, inadaptados, malucos... E uma quantidade enorme desses indivíduos “destruídos” por fora e por dentro, acaba por cometer suicídio, não por covardia, mas porque é impossível viver – ou sobreviver – com a Psique totalmente devastada,

⁹² ZAHARAN, Geraldo. **Tradição liberal e política externa nos Estados Unidos**: um diálogo com interpretações realistas e idealistas. Rio de Janeiro: Apicuri: PUC-Rio, 2012, p. 94.

⁹³ MORIN, Edgar. **Os fraticidas**: Jugoslávia-Bósnia: 1991-1995. Lisboa: Relógio D’água, 1996, p. 62.

⁹⁴ FURTADO, Peter. In: SWAIN, Harriet (Org.). **Grandes questões da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 183.

⁹⁵ GOLDENBERG, Ricardo Davi. **Política e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 9.

colapsada. Mas se a Guerra é tão abominável, como é possível que ainda nos preparemos ativamente para ela, pensemos nela como opção política válida e eficaz e até gostemos da ideia de guerrear contra o Outro? A resposta é simples: fomos e somos condicionados pelo Sistema (e pelos poderosos que o conduzem) a acreditar na Guerra e em seus pretensos “valores” (construções simbólico-ideológicas); em sua necessidade e inevitabilidade. Basta que observemos e analisemos, criticamente, quem foram e quem são os “pensadores” e “teóricos” que fundamentaram e fundamentam os estudos de Ciência Política e Relações Internacionais do passado até o presente momento: indivíduos notoriamente egoístas, gananciosos, traiçoeiros, megalomaniacos, violentos, perigosos e temidos (guerreiros, reis, imperadores, líderes fundamentalistas, ditadores, políticos e diplomatas imorais e criminosos etc.), cuja característica comum era, e ainda é, fazer o que for preciso (e doa em quem doer) para conseguir e manter o Poder e a Riqueza; até porque, “os fins justificam os meios” – uma forma absolutamente antiética de pensar e agir que embasou e embasa a Política e torna a Paz entre os Homens difícil ou impossível. Como ensinou o historiador e diplomata Nicolau Maquiavel (considerado um semideus infalível no Ocidente; o portador da “verdade última” das relações humanas), “[...] um príncipe não deve ter outro objetivo nem outro pensamento [...] que não a guerra [...]”⁹⁶ Sendo que o Bem Comum das pessoas comuns – o Povo – sequer deveria ser considerado pelo governante; a não ser, é claro, como meio de manipulação das massas (de manobra) ignorantes. Reforçando a postura belicista como ideal, Nicolau Maquiavel, o grande herói dos “realistas”, recomendou que “[...] jamais se deve desviar o pensamento dos exercícios da guerra; e na paz o exercício deve ser mais intenso que na guerra [...]”⁹⁷ Revelando o caráter essencialmente doentio de sua personalidade e todo o veneno de sua “doutrina” baseada no medo, na desconfiança e na paranoia permanentes... Que tipo de demente perceberia os valiosos momentos de Paz, bastante raros na História, como oportunidades para melhor se preparar para a Guerra, para a matança? Somente alguém traiçoeiro e com espírito, literalmente, “maquiavélico”. Mas a “sabedoria” desse “político” não parou por aí... Com base em suas visões distorcidas do mundo e do gênero humano, apresentou mais uma de suas “verdades inquestionáveis”; desta vez, de ordem psicológica: “[...] de modo geral, pode-se dizer que os homens são ingratos, volúveis, fingidos e dis-

⁹⁶ MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010, p. 94.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 95.

simulados, avessos ao perigo, ávidos de ganhos [...].”⁹⁸ Ou seja, eles não valem nada e jamais pensarão em fazer o Bem; apenas o Mal. Ainda em suas palavras,

[...] o amor é mantido por um vínculo de reconhecimento, mas, como os homens são maus, se aproveitam da primeira ocasião para rompê-lo em benefício próprio, ao passo que o temor é mantido pelo medo da punição, o qual não esmorece nunca.⁹⁹

Sua conclusão, logicamente, não poderia ser outra: “[...] é bem mais seguro ser temido que amado [...].”¹⁰⁰ E foi sobre essas bases “teóricas” – construções retorcidas de uma mente atormentada pela ambição, a falsidade e a traição – que um sem-número de lideranças políticas e militares foram e são formadas para governar os Estados e conduzir a Humanidade. E para piorar, Carl von Clausewitz conseguiu convencer a maioria dos Homens de que “[...] a guerra não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas, uma realização destas por outros meios.”¹⁰¹ Quando, na verdade, a Guerra é a negação da Política e a manifestação da Violência por todos os meios. De acordo com o cientista político Joseph Nye, um dos herdeiros, mantenedores e disseminadores da doutrina “realista”, “Aqueles que são benevolentes e confiantes tendem a desaparecer com o tempo. São eliminados pela dinâmica engendrada pela estrutura do sistema.”¹⁰² O que significa dizer que somente os indivíduos, governantes e Estados dispostos a matar e a destruir em escala industrial, têm alguma chance de sobrevivência e reconhecimento internacional... E ainda há quem acredite que pensar assim é ser realista! O historiador Harold James comprovou que “Todas as guerras, pequenas ou grandes, produzem novos problemas e divisões. Preocupações com segurança derramam-se sobre a economia.”¹⁰³ E o internacionalista Fred Halliday foi categórico ao afirmar que “[...] as guerras enfraquecem os países, mesmo quando as ganham [...].”¹⁰⁴ Mas nada disso importa quando se

⁹⁸ MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: *Penguin Classics* Companhia das Letras, 2010, p. 102.

⁹⁹ *Ibidem*.

¹⁰⁰ *Ibidem*.

¹⁰¹ CLAUSEWITZ, Carl von. **Da guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 27.

¹⁰² NYE, Joseph S. **O futuro do poder**. São Paulo: Benvirá, 2012, p. 52.

¹⁰³ JAMES, Harold. In: SWAIN, Harriet (Org.). **Grandes questões da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 121.

¹⁰⁴ HALLIDAY, Fred. In: SWAIN, Harriet (Org.). **Grandes questões da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 105.

pode distorcer o Real e inventar inimigos... E é claro, ganhar dinheiro no processo; muito dinheiro mesmo.

Terrorismo

O fenômeno do terrorismo não é uma novidade na História e tampouco seus métodos de ação mais característicos – táticas de guerrilha, escolha de alvos civis e ataques surpresa – são invenções modernas ou pós-modernas. Os terroristas são criminosos de altíssima periculosidade e devem ser combatidos, em tempo integral, por agências de inteligência e forças policiais preparadas, treinadas e equipadas. E sempre que necessário, os Estados devem cooperar ativamente entre si, para impedir o pior (sem se deixarem levar pela paranoia e o desejo de vingança). Mas é preciso diferenciar os terroristas “de verdade” – indivíduos que financiam, planejam e executam atentados dentro ou fora de seus países de origem (e que não são tantos quanto imaginamos) – das pessoas que recebem esse rótulo e estigma dos representantes dos Governos e da Mídia, com o objetivo de moldar e direcionar a Opinião Pública de acordo com interesses pouco ou nada justos e, muito menos, honrados. Nos últimos tempos, até velhos, mulheres grávidas e crianças, moradores de vilarejos miseráveis no meio do nada, foram classificados como “terroristas impiedosos” e atingidos pelas armas de helicópteros de guerra, aviões bombardeiros e mísseis teleguiados. E ao conjunto restrito de terroristas “de verdade” (que podem representar algum perigo) foi adicionado um sem-número de terroristas “inventados”, “de mentira” (totalmente inofensivos). O que só intensificou o sentimento de medo nas pessoas e a ilusão fantasmagórica – e irreal – de que o perigo está por toda parte... De fato, como ressaltou Arjun Appadurai, “O terror é, antes de tudo, o terror do próximo ataque. [...] O terror é uma espécie de metástase da guerra, guerra sem limites espaciais nem temporais.”¹⁰⁵ Contudo, o medo permanente serve apenas ao Poder e aos poderosos, que conseguem a legitimação das massas, cada vez mais assustadas e agressivas em relação ao Outro (estrangeiro, turista, imigrante), para agir com violência irrestrita contra quem quer que seja. Como explicou o filósofo e teólogo Leonardo Boff,

¹⁰⁵ APPADURAI, Arjun. **O medo ao pequeno número**: ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2009, p. 72.

Nenhum país, nenhuma cidade nem mesmo nenhuma pessoa pode se sentir imune ao terrorismo. Ele possui um caráter político e substitui o diálogo, a negociação e o compromisso pelo recurso à violência para fazer valer o próprio ponto de vista.¹⁰⁶

O que não quer dizer que existe “um terrorista em cada esquina”, pronto para explodir lugares, pessoas ou a si mesmo. E muito menos que os habitantes de países pobres são, em sua maioria ou totalidade, inimigos do Ocidente, das potências e do Bem (a mensagem constantemente transmitida e reforçada pela Mídia, ainda que de modo subliminar). Uma pessoa inteligente e psicologicamente equilibrada teria dificuldades em odiar um desconhecido residente em terras distantes, mas, graças ao poder condicionante dos meios de comunicação, esse mesmo indivíduo de quem pouco ou nada se sabe é transformado, rapidamente, em um malfeitor violento e perigoso, que se esconde em florestas tropicais ou cavernas escuras para planejar ataques mortíferos contra os cidadãos do mundo “civilizado”. A manipulação dos fatos é cada vez mais fácil, comum e politicamente aceitável, pois, como afirmou o filósofo e sociólogo Jean Baudrillard, “Ora é a simulação que é eficaz, nunca o real.”¹⁰⁷ O Real tem limitações que atrapalham e atormentam os políticos e militares “linha-dura” enquanto o universo onírico da simulação – e das mentiras! – oferece possibilidades infinitas... E que são e serão exploradas ao máximo. É preciso ter cuidado com as palavras e seu poder simbólico (elas constroem e reconstroem a realidade vivida), especialmente quando são usadas de modo ideológico e, portanto, propositado e tendencioso – o que, aliás, sempre ocorreu e ocorre. Assim como os conflitos armados e a Guerra foram e são essencialmente ressignificados pelos poderosos e seus representantes ao longo da História, sendo transformados, pela Cultura e a Propaganda, em eventos importantes, heroicos e gloriosos (apesar de serem, na prática, massacres indiscriminados, impiedosos e criminosos de seres humanos), uma série de palavras e conceitos receberam novos significados para melhor servirem ao discurso hegemônico e sua capacidade de condicionar, doutrinar e manipular os indivíduos, as massas e a Opinião Pública, tanto em âmbito doméstico quanto internacional – a Novilíngua orwelliana em ação e com máxima eficácia. E os melhores exemplos dessa ressignificação ideologizada são os termos “Terror”, “Terrorismo” e “terroristas” (e logicamente, “Guerra ao Terror”, uma bizarra redundância). As alterações de sentidos foram

¹⁰⁶ BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz**: desafio para o século XXI. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 69.

¹⁰⁷ BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991, p. 75.

tão radicais que existe hoje uma diferença gritante entre a realidade dos fatos e acontecimentos no planeta – a “Realidade Real” – e o mundo fantasioso e delirante inventado pelas potências e a superpotência, sempre em busca de Poder e Riqueza, inimigos e motivos para guerrear. Para os representantes e defensores do Sistema, qualquer indivíduo, grupo ou povo que queira se opor e, eventualmente, resistir ao Imperialismo, ao Cibercolonialismo e ao Capitalismo em sua forma mais imoral e destrutiva é um terrorista! E deve ser caçado, encontrado e neutralizado, de uma vez por todas, em qualquer ponto do planeta e por qualquer meio disponível – geralmente, por mercenários ou veículos aéreos não tripulados (as melhores relações de custo-benefício quando se trata de atingir *soft targets*). Como Noam Chomsky fez questão de ressaltar, “Uma matança desenfreada de civis é terrorismo, e não uma guerra contra o terrorismo.”¹⁰⁸ Mas, de acordo com o Discurso Oficial (que é a fala dos poderosos), os ataques realizados pelas forças de coalizão e exércitos dos países ricos são “cirúrgicos”, as bombas “inteligentes” e as guerras “justas”. Ademais, segundo seus porta-vozes, nada poderia ser melhor para os povos sob “intervenção” (na verdade, sob sanções, embargos, bombardeios constantes) para trazer-lhes um pouco de Liberdade e Democracia ao estilo ocidental... Não é de admirar que tanta gente odeie o Ocidente e tudo aquilo que ele representa de fato: ganância, violência e falsidade ilimitadas, além de uma intolerância xenofóbica patológica que sempre contaminou as Políticas Externas, envenenou as Relações Internacionais e prejudicou – ou feriu de morte – a Comunidade Internacional. Como explicou Arjun Appadurai,

Terror é o nome de direito para qualquer esforço de substituir a paz pela violência como a âncora que garante a vida cotidiana. Ele usa a emergência como rotina e valoriza formas excepcionais de violência e violação como sua norma.¹⁰⁹

Uma definição precisa e perfeita para “Realismo Político”. E como constatou Jean Baudrillard, “Quanto ao terror, sabemos que já se encontra em toda parte, na violência institucional, mental e física, em doses homeopáticas. O terrorismo apenas cristaliza todos os ingredientes em suspenso.”¹¹⁰ Fazendo-o dos modos mais terríveis e assustadores possíveis... De acordo com Noam Chomsky, “O terrorismo é o uso de meios coercitivos voltados

¹⁰⁸ CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 87.

¹⁰⁹ APPADURAI, Arjun. **O medo ao pequeno número**: ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras: Itáu Cultural, 2009, p. 33.

¹¹⁰ BAUDRILLARD, Jean. **Power inferno**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007, p. 33.

contra uma população civil, no esforço de atingir objetivos políticos, religiosos ou outros.”¹¹¹

E como observou Leonardo Boff,

[...] terrorismo é toda violência espetacular praticada com o propósito de ocupar as mentes de medo e pavor. O importante não é a violência em si, mas seu caráter espetacular, capaz de dominar as mentes de todos.¹¹²

Afinal, os terroristas sabem que, ao atingirem o Imaginário das pessoas (e nele fixarem sua base ou célula de operações), seu poder de geração e manutenção do Medo é potencializado ao máximo; exatamente o que é preciso para enfrentar e desgastar oponentes mais fortes. Naturalmente, como afirmou Stéphane Hessel,

[...] o terrorismo é inaceitável, mas há que se reconhecer que, quando estamos sob ocupação, diante de meios militares infinitamente superiores aos nossos, a reação popular não pode ser *somente* não violenta.¹¹³

O que as potências não conseguem compreender ou, ainda pior, fingem não compreender. De qualquer maneira, como explicou Jean Baudrillard,

Se o objetivo do terrorismo é desestabilizar a ordem mundial exclusivamente pelas suas forças, então ele é absurdo: a relação de forças é tão desigual – e, de qualquer maneira, já há tanta desordem nessa ordem mundial e tanta desregulação – que é inútil tentar produzir mais. Corre-se mesmo o risco, com esse acréscimo de desordem, de fortalecer, como se vê por toda parte hoje, os dispositivos de controle policial e de segurança.¹¹⁴

De modo que os horrores dos atentados terroristas – e não há dúvidas de que são horrores! – se dissolvem e são absorvidos, por completo, pelos horrores impostos e perpetuados pelo próprio Sistema (desigualdade, pobreza, sede, fome, doenças, crises econômicas, conflitos armados, guerras etc.). Nas palavras de Boris Cyrulnik, “[...] o terrorismo provoca resultados contrários aos pretendidos: ele une os agredidos e reforça sua motivação, sem falar que ele legitima uma contraviolência.”¹¹⁵ Ademais, como afirmou Jean

¹¹¹ CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 65.

¹¹² BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz**: desafio para o século XXI. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 71-72.

¹¹³ HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos!** São Paulo: Leya, 2011, p. 28.

¹¹⁴ BAUDRILLARD, Jean. **Power inferno**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007, p. 30.

¹¹⁵ CYRULNIK, Boris. **Autobiografia de um espantalho**: histórias de resiliência: o retorno à vida. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 44.

Baudrillard, “O terrorismo não inventa nem inaugura nada. Leva simplesmente as coisas ao extremo, ao paroxismo.”¹¹⁶ E as novas violências, ainda que inéditas e espetaculares, são prontamente “engolidas” e assimiladas pelas antigas e tudo volta rapidamente ao “normal” – ao normal patológico e patogênico de medo, estresse, e alerta contínuos e amplamente desgastantes. Além disso, como enfatizou Michel Serres, “[...] um Estado não pode declarar guerra a algum terrorismo. A quem ele a declararia?”¹¹⁷ E como combateria indivíduos e grupos que agem de modo autônomo, em pequenas células criminosas, com uma máquina militar estatal? Como registraram os historiadores Rob Johnson, Michael Whitby e John France, “[...] a ‘guerra ao terror’ do século XXI é conhecida em círculos militares como a ‘longa guerra’.”¹¹⁸ Afinal, dada sua natureza “volátil”, é impossível fixar prazos para a derrota do inimigo e o encerramento da luta (não que os Estados beligerantes realmente queiram aquela ou este). E como explicou o filósofo Peter Sloterdijk, “A ‘guerra ao terror’ possui a propriedade ideal de não poder ser vencida – e, por isso, de nunca precisar ser concluída.”¹¹⁹ De modo que os governantes e Governos, especialmente das potências ocidentais, sempre terão “inimigos” e “motivos” (ambos inventados e reinventados à exaustão) para justificar ações militares nos espaços e territórios de outros Estados... E se considerarmos que todos podem ser classificados, pelos detentores do Poder e das Armas, como “terroristas” (indivíduos, grupos, comunidades, nações), ninguém está realmente a salvo de ser atacado e morto por um soldado patologicamente doutrinado ou por um *drone* sadicamente controlado; agora, a Guerra e a Morte chegam até pelo *videogame*. Não é estranho que os “malvados” estejam sempre nos países mais pobres, fracos e vulneráveis do globo? E não é igualmente estranho que todas as tradições e culturas que não se alinham ao Capitalismo pantofágico e pantocrático sejam consideradas perigosas e potencialmente “terroristas” (acusadas publicamente de incubar e abrigar malfeitores e assassinos)? Como Boris Cyrulnik fez questão de nos lembrar, “A definição do terrorismo depende do ponto de vista de quem o define.”¹²⁰ E é construída e comunicada aos indivíduos e às massas de acordo com interesses muito específicos e nada neutros. Noam Chomsky apontou para o fato que “[...] os Estados Unidos são

¹¹⁶ BAUDRILLARD, Jean. **Power inferno**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007, p. 33.

¹¹⁷ SERRES, Michel. **A guerra mundial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 90.

¹¹⁸ JOHNSON, Rob; WHITBY, Michael; FRANCE, John. **Para ganhar a guerra**: as 25 melhores táticas de todos os tempos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012, p. 275.

¹¹⁹ SLOTERDIJK, Peter. **Ira e tempo**: ensaio político-psicológico. São Paulo: Estação Liberdade, 2012, p. 284.

¹²⁰ CYRULNIK, Boris. **Autobiografia de um espantalho**: histórias de resiliência: o retorno à vida. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 15.

um Estado líder do terrorismo, assim como os países que se constituem seus principais aliados.”¹²¹ Mas a Realidade, e essa realidade em especial, não tem nenhuma força frente ao poder de distorção e manipulação do Real exercido pelos Estados mais ricos e bem armados do planeta... Eles nos dizem em que e em quem devemos acreditar – o tempo todo, ininterruptamente – e a maioria de nós aceita os discursos e narrativas do Poder sem questionamentos e, muito menos, críticas e oposições. O internacionalista Walter Mead reconheceu que “‘A guerra contra o terror’ é uma expressão capciosa e, ao mesmo tempo, tosca e equivocada.”¹²² E para piorar, como constatou o sociólogo Michael Mann, “A guerra ao terrorismo é dirigida quase inteiramente contra muçulmanos.”¹²³ Indivíduos que, graças à maldita Propaganda das potências ocidentais, foram transformados em inimigos mortais da Civilização – a mentira que é apresentada como verdade e transforma o mundo em um gigantesco barril de pólvora... O que não chega a ser um problema para os poderosos, pois, como explicou o escritor e ativista político George Orwell, “Não importa que de fato haja uma guerra e, como não é possível uma vitória decisiva, pouco importa que a guerra vá bem ou mal. O que importa é que possa existir o estado de guerra.”¹²⁴ Um estado de medo e alerta permanentes e, mais importante, de lucros permanentes – as incertezas geram temores e estes, concentrados ou dispersos, geram dinheiro. E como constatou John Mearsheimer, “[...] mentir torna-se fácil para líderes que acreditam viver em um mundo hobbesiano.”¹²⁵ Que é aquele do “Realismo” e dos “realistas” – uma *killing zone* global onde “amigos” e “inimigos” trocam de posições de tempos em tempos... Nas palavras de Anthony Giddens, “Vivemos num mundo em que perigos criados por nós mesmos são tão ameaçadores, ou mais, quanto os que vêm de fora.”¹²⁶ Não podemos nos esquecer de que os conflitos armados e a Guerra não são obras da Natureza (e nem mesmo da natureza humana), mas o resultado de nossas próprias decisões – que deveriam ser inteligentes e responsáveis e raramente o são. Na observação de Marc Ferro, “O medo do futuro substituiu a esperança no progresso.”¹²⁷ O que explica, ao menos em parte, o pessimismo generalizado – e crescente – em relação à Política (e sua ca-

¹²¹ CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 17.

¹²² MEAD, Walter Russell. **Poder, terror, paz e guerra**: os Estados Unidos e o mundo contemporâneo sob ameaça. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 120.

¹²³ MANN, Michael. **O império da incoerência**. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 226.

¹²⁴ ORWELL, George. **1984**. 29. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005, p. 185.

¹²⁵ MEARSHEIMER, John J. **Por que os líderes mentem**: toda a verdade sobre as mentiras na política internacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012, p. 67.

¹²⁶ GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 44.

¹²⁷ FERRO, Marc. **O século XX explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 89.

pacidade de solução de problemas) e o desejo, por parte dos Estados, de se armarem “até os dentes”, na tentativa de aumentar suas chances estatísticas de sobrevivência em tempos de incertezas e crises sistêmicas. De qualquer modo, como ressaltou o filósofo e psicanalista Slavoj Žižek,

A ameaça última não vem lá de fora, do Outro fundamentalista, vem de dentro, de nossa própria lassidão e fraqueza moral, da perda de valores claros e de compromissos firmes, do espírito de dedicação e de sacrifício...¹²⁸

Mas é sempre mais fácil culpar o Outro, seja ele quem for, por todos os problemas que nos atingem e afetam no dia a dia... Principalmente, se ele for um estrangeiro – o Outro por excelência, o alvo ideal. Os “realistas” estão totalmente errados quando afirmam que é melhor ser temido que amado. Os Estados têm feito de tudo para serem temidos pelos demais (e com êxito macabro) e as inseguranças e perigos, reais e imaginários, só fizeram aumentar e piorar... Os povos da Terra têm vivido há séculos sob o império do Medo e o paradigma florentino-prussiano de “relacionamento” interestatal foi e é incapaz de impedir manobras cada vez maiores. Definitivamente, é preciso mudar o modelo... Até porque, como concluiu o jurista e Lorde Chanceler Tomás Morus, Santo da Igreja Católica, “[...] nada é menos glorioso que a glória dada pela guerra.”¹²⁹ E por oposição lógica, nada é mais glorioso que, simplesmente, viver em Paz.

¹²⁸ ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real!**: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo, 2003, p. 177.

¹²⁹ MORUS, Tomás. **A utopia**. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 123.

CAPÍTULO 3

PAZ

[...] a paz é algo que deve ser “instaurado”; abster-se de iniciar as hostilidades não é suficiente para assegurar a paz [...].¹³⁰

Não é suficiente dizer: ‘Não devemos fazer guerra.’ É necessário amar a paz e sacrificar-se por ela. Devemos nos concentrar não apenas na erradicação da guerra, mas na afirmação da paz.¹³¹

Todos os Estados fazem parte de uma comunidade de povos com um mesmo destino. A paz dos povos no mundo é indivisível e pode, a longo prazo, ser mantida quando se reconhece, não somente aos Estados, se não também a cada indivíduo os mesmos direitos e valores.¹³²

A causa da Paz é a causa da Vida; não há como separá-las. E fazer o que for possível – e também o impossível – para garantir a convivência pacífica e harmoniosa entre os Homens, mesmo com suas diferenças e divergências naturais é, claramente, o objetivo mais importante de nossa espécie. A perpetuação da raça humana sobre a Terra e, eventualmente, sua expansão para outros corpos celestes habitáveis, depende e dependerá sempre da realização dessa meta existencial maior e inadiável. Como explicou Leonardo Boff,

A paz resulta não da negação, mas da administração dos conflitos usando meios não conflitivos. Assim, na construção da paz, os interesses coletivos devem se sobrepor aos individuais, a multiculturalidade prevalecer sobre o etnocentrismo, a perspectiva global orientar a local.¹³³

No entanto, como apontou Boris Cyrulnik, “Quando se sabe apenas fazer a guerra, tem-se muito medo da paz.”¹³⁴ As tentativas de harmonização (livres e espontâneas ou forçadas pelas circunstâncias) e até o fato de pensar sobre o assunto podem gerar dúvidas, preocupações e temores e fazer com que a Paz (um mistério e uma aposta) seja percebida como um sonho ou delírio estranho, irrealizável, perigoso – e paradoxalmente, pior que a

¹³⁰ KANT, Immanuel. **Rumo à paz perpétua**. São Paulo: Ícone, 2010, p. 39.

¹³¹ KING, Martin Luther. **As palavras de Martin Luther King**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 91.

¹³² FLEINER, Thomas. **O que são direitos humanos?** São Paulo: Max Limonad, 2003, p. 76-77.

¹³³ BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz: desafio para o século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 76.

¹³⁴ CYRULNIK, Boris. **O murmúrio dos fantasmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 136-137.

Guerra (conhecida e experimentada há milênios e, de certo modo, compreensível e previsível). Até porque, como destacou Boris Cyrulnik,

[...] numa sociedade em que violência é a norma, ela não causa indignação, cerram-se os dentes e pronto. Para que a violência se torne uma representação inaceitável, é preciso poder imaginar um mundo sem violência, o que hoje só é possível em algumas sociedades.¹³⁵

Infelizmente, a maioria esmagadora daqueles que poderiam e deveriam dedicar suas habilidades específicas, conhecimentos, esforços e vidas à causa da Paz (integrantes da *Intelligentsia* e dos *Think Tanks* de cada comunidade ou país), direcionam suas energias físicas e mentais, todas elas, à manutenção e ao reforço constantes de uma visão de mundo unidirecional e unifocal, rígida e cristalizada, desagregadora e paranoica, baseada, essencialmente, no egoísmo, na rivalidade, na desconfiança, no ódio e no preparo ininterrupto (e compulsivo) para a Guerra – o chamado “Realismo” é um belicismo muito mal disfarçado ou completamente escancarado. E os resultados catastróficos dessa orientação “política” (na verdade, patológica e patogênica e, portanto, antipolítica) estão por toda parte... Como registrou Leonardo Boff,

A mentalidade militarista produziu uma máquina de morte com as cerca de 60.000 armas atômicas, químicas e biológicas, capaz de destruir toda a biosfera e comprometer a sobrevivência da humanidade.¹³⁶

E como se os arsenais já existentes não fossem mais que suficientes para “matar bem morto” (segundo estimativas, temos condições de destruir a Vida na Terra, para sempre, 7 ou 8 vezes), continuamos a produzir, testar e utilizar (contra o Outro e, ocasionalmente, contra alguns de “Nós”) ferramentas de destruição restrita ou em massa, “cirúrgica” ou total... E sem nenhuma justificativa minimamente plausível, além de nossa loucura. Como explicou o médico psiquiatra e psicanalista Viktor Frankl, criador da Logoterapia,

A busca da paz, podemos dizê-lo, diz respeito à sobrevivência da humanidade como um todo. Mas ela é prejudicada pelo fatalismo que resulta da fixação nos impulsos agressivos em lugar de apelar para a capacidade humana de assumir uma atitude

¹³⁵ CYRULNIK, Boris. **Dizer é morrer**: a vergonha. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 125-126.

¹³⁶ BOFF, Leonardo. **Do iceberg à Arca de Noé**: o nascimento de uma ética planetária. 2. ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2010, p. 71.

peçoal diante deles. Desta forma, os impulsos agressivos são transformados em um álibi, uma escusa para o ódio.¹³⁷

Uma escusa cientificamente falsa, mas que, pela repetição incessante ao longo do tempo e da História (e como verdade biológica e espiritual imutável e inescapável), conseguiu e ainda consegue convencer a maioria das pessoas (especialmente os cientistas políticos e internacionalistas autoproclamados “realistas”) de nossa “natureza malvada” – um mito extremamente perigoso que é alimentado constantemente. Para esses fatalistas, o Homem seria o “lobo” de seus semelhantes – e para sempre! – por alguma falha na Criação ou maldição do Destino, sem nenhuma possibilidade de mudança, melhoria, evolução ou “cura”. Nem mesmo a inteligência e a capacidade de fazer escolhas conscientes, racionais e ponderadas – o livre-arbítrio em ação – seriam capazes de submeter ou neutralizar a “predestinação absoluta” e infernal da violência “geneticamente inscrita” e “pré-programada”. É inacreditável que o fazer político e a Política sejam baseados em um discurso paranoico e alucinatório como esse, mas, infelizmente, ainda são... E os estragos, bem reais e concretos, podem ser identificados e observados sem muito esforço. Como apontou o filósofo Vilém Flusser, “A situação atual da sociedade ocidental é marcada pelo predomínio dos discursos sobre os diálogos.”¹³⁸ E como os discursos são, em sua quase totalidade, baseados na rivalidade, na intolerância, no ódio e na violência, não há e nem pode haver espaço para o diálogo – não por acaso, os radicalismos negativos estão ressurgindo e ficando mais fortes nas comunidades, nos povos e nos Estados (e até nos países do “Primeiro Mundo”). Como perguntou Michel Maffesoli, “Onde está o *consensus* necessário a toda vida em sociedade?”¹³⁹ Certamente não no “Realismo Político”. Afinal, como asseverou Stéphane Hessel, “Devemos entender que a violência dá as costas à esperança. Devemos preferir a esperança, a esperança da não violência.”¹⁴⁰ Que jamais será alcançada e gerará frutos enquanto acreditarmos que o Homem é uma criatura naturalmente brutal e traiçoeira e que a Humanidade não passa de uma alcateia composta por bilhões de lobos famintos e “essencialmente maus”. Como explicou o jurista e sociólogo Jean Ziegler,

¹³⁷ FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. 15. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2005, p. 66.

¹³⁸ FLUSSER, Vilém. **Pós-história**: vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: Annablume, 2011, p. 73.

¹³⁹ MAFFESOLI, Michel. **Apocalipse**: opinião pública e opinião publicada. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 77.

¹⁴⁰ HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos!** São Paulo: Leya, 2011, p. 32.

Todos os seres humanos anseiam por saúde, educação, conhecimento, uma existência segura, um emprego estável, uma renda fixa, proteger sua família das humilhações, exercer plenamente suas responsabilidades civis e políticas, longe de todo sistema arbitrário, protegidos dos infortúnios que ofendem a sua dignidade.¹⁴¹

Anseios universais que comprovam a existência de uma natureza tendente ao relacionamento, ao afeto, à amizade, à colaboração, à solidariedade, à união e à busca do Bem Comum. A Psiquiatria e a Psicologia confirmam que só é possível estabelecer, manter e desenvolver relações se e quando existe confiança no Outro (confiança de verdade). Se todos desconfiam permanentemente uns dos outros – e por princípio teórico-prático, como é o caso no “Realismo” – não há como se relacionar plenamente, de modo ótimo. O que significa que as Relações Internacionais foram e são muito prejudicadas, logo de partida, e o tempo todo... E não por acaso, elas se limitam, na maioria das vezes, a transações e fluxos comerciais e financeiros; que não requerem confiança *stricto sensu*, mas apenas contratos jurídicos impessoais e que geram punições (severas ou arrasadoras) em caso de descumprimento – a ameaça, o medo e a possibilidade de retaliação (o ataque ao Outro, a lógica da Guerra) como motores trepidantes da “relação”; o que, obviamente, não é nada saudável ou sustentável. De acordo com o diplomata Celso Amorim, “A política externa tem de estar imbuída de um certo humanismo.”¹⁴² Mas, no cenário político atual, a última coisa que podemos esperar encontrar é esse tal humanismo. Como o historiador Tony Judt fez questão de ressaltar, “[...] os humanos não conseguem atuar juntos a não ser suspendendo a desconfiança que sentem uns pelos outros.”¹⁴³ E essa suspensão é o primeiro passo consciente e inteligente para que a Razão volte a comandar e conduzir nossos pensamentos e ações presentes e futuros, exorcizando os fantasmas que tanto atormentam nossas mentes. Nas palavras de Michel Serres, “Da violência aberta não resulta a paz; do caos não emerge a ordem; do extremismo não nasce o acordo.”¹⁴⁴ E como afirmou Leonardo Boff, “A paz se constrói com meios pacíficos como o encontro fraterno, o diálogo, a mútua acolhida e o respeito das diferenças, impedindo que estas diferenças sejam entendidas como desigualdades.”¹⁴⁵ O

¹⁴¹ ZIEGLER, Jean. **Ódio ao ocidente**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 265.

¹⁴² AMORIM, Celso. In: JAKOBSEN, Kjeld (Org.). **A nova política externa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010, p. 102.

¹⁴³ JUDT, Tony. **O mal ronda a terra**: um tratado sobre as insatisfações do presente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 67.

¹⁴⁴ SERRES, Michel. **A guerra mundial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 44.

¹⁴⁵ BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz**: desafio para o século XXI. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 64.

que, convenhamos, é bastante lógico e facilmente compreensível, até para uma criança... Mas como alertou Martin Luther King,

[...] não é preciso ser muito perspicaz ou sofisticado para perceber que enquanto todos falam de paz, ela é praticamente ignorada pelos donos do poder. Muitos homens gritam “Paz! Paz!”, mas se recusam a fazer as coisas que promovem a paz.¹⁴⁶

E se recusam a fazê-las por Política (distorcida) de Estado e, ainda mais absurdo, por questão de Segurança (esquizofrênica) Nacional. Em outras palavras, governantes e Governos “democráticos” escolhem a Guerra como maneira “racional” e “ideal” de construir e manter a Paz – um raciocínio tão incoerente, injustificável e maluco, que é impossível explicá-lo sem recorrer a sofismas, mitos, crenças fundamentalistas, ódios e outras armas discursivas concebidas para iludir, enganar e manipular os indivíduos e as massas. E se não existirem inimigos de verdade (o mais próximo do Real, mesmo em termos históricos), basta criá-los... Afinal, como confirmou Boris Cyrulnik, “Submetemo-nos às representações que inventamos, para o nosso maior prazer ou para a nossa infelicidade.”¹⁴⁷ É importante ressaltar que os povos da Terra não se odeiam “por natureza” e nem têm motivos reais para tanto; são os poderosos de cada época que criam, recriam e alimentam rivalidades imaginárias entre os diversos grupos humanos para que possam usá-los como ferramentas de conquista e manutenção de Poder – massas de manobra de brutalidade direcionável (daí a importância da Mentira e da Propaganda em todos os conflitos armados e guerras). Sociedades suficientemente saudáveis e funcionais reconhecem e compreendem que devem buscar a construção e manutenção de relacionamentos amistosos e respeitosos com as demais, sejam elas próximas ou distantes (em termos geográficos, mas, também, culturais), pois sabem que a coexistência pacífica é muito melhor para todas – mais inteligente, mais vantajosa, mais lucrativa e mais segura. Felizmente, como apontou Salem Nasser, “A cooperação internacional vem crescendo incessantemente no último século e é resultante quase inteiramente da dinâmica da interdependência.”¹⁴⁸ Esse incremento progressivo das relações entre os Estados e povos é uma prova material, concreta, cabal, de que a harmonização, em âmbito planetá-

¹⁴⁶ KING, Martin Luther. **As palavras de Martin Luther King**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 90.

¹⁴⁷ CYRULNIK, Boris. **De corpo e alma**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 53.

¹⁴⁸ NASSER, Salem Hikmat. **Fontes e normas do direito internacional**: um estudo sobre a *soft law*. São Paulo: Atlas, 2005, p. 54.

rio, é tecnicamente possível (não existem impedimentos materiais e operacionais insuperáveis), desde que as partes envolvidas e beneficiadas (direta e indiretamente) demonstrem vontade política e engajamento efetivos, suficientes e duradouros, em prol do Bem Comum e de um futuro melhor... O que, aliás, faz todo sentido quando consideramos que a raça humana é uma só e divide o mesmo planeta. Geraldo Zahran reconheceu que

[...] conflitos e problemas de segurança, por serem derivados da condição humana, sempre ocorreram e sempre ocorrerão. A alternativa a uma boa política externa seria ter ciência desse fato e se portar cautelosamente na condução dos assuntos internacionais.¹⁴⁹

Uma tarefa complexa e difícil, é evidente, mas que pode ser realizada de modo satisfatório, gerando benefícios para todos, contanto que o desejo de “fazer o que é certo” (e não o que é egoisticamente conveniente) predomine sobre outras motivações menos nobres e louváveis. O desejo de fazer o Bem – uma força humanista e altruísta mais racional do que se imagina – é a energia, o combustível limpo e renovável, que deve mover o Direito, a Política e as Relações Internacionais de agora em diante... E na direção correta, ideal. Ademais, como recomendou Stéphane Hessel, “Os responsáveis políticos, econômicos, intelectuais e a sociedade toda não devem se omitir nem se deixar impressionar pela atual ditadura internacional dos mercados financeiros, que ameaça a paz e a democracia.”¹⁵⁰ Pelo contrário, devem adotar posturas ativas, honradas e corajosas frente ao enorme desafio da integração progressiva e pacífica dos povos e culturas, independentemente das pressões do Capital, de seus operadores-manipuladores e detentores-acumuladores. Infelizmente, como afirmou Edgar Morin, “[...] continuam a faltar a consciência e a vontade políticas, que falharam em momentos decisivos em que era possível prevenir e depois parar a guerra.”¹⁵¹ Transformando inúmeros avanços cooperativos e integrativos – resultantes de esforços hercúleos e conquistados a duras penas – em estagnações e retrocessos extremamente custosos e prejudiciais. Como argumentou Gilberto Rodrigues, “Apesar das profundas divergências que possam existir entre os povos e os conflitos que parecem insolúveis, a convivência intercultural

¹⁴⁹ ZAHARAN, Geraldo. **Tradição liberal e política externa nos Estados Unidos**: um diálogo com interpretações realistas e idealistas. Rio de Janeiro: Apicuri: PUC-Rio, 2012, p. 96.

¹⁵⁰ HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos!** São Paulo: Leya, 2011, p. 16.

¹⁵¹ MORIN, Edgar. **Os fraticidas**: Jugoslávia-Bósnia: 1991-1995. Lisboa: Relógio D’água, 1996, p. 90.

deve ser um objetivo da comunidade internacional.”¹⁵² Um objetivo da maior importância e do qual nenhum Estado democrático pode prescindir... Não se quiser um mundo melhor para seus nacionais – milhões de cidadãos cheios de esperança em relação ao futuro – e para os demais – bilhões de pessoas que, no fundo, só querem ser livres e felizes. Amin Maalouf fez questão de nos lembrar de que

[...] os problemas não se resolvem se não forem pensados globalmente, como se formássemos uma vasta nação plural. Entretanto, contrariando essa ideia, nossas estruturas políticas, jurídicas e mentais nos obrigam ainda a pensar e a agir em função de nossos interesses específicos – de nossos Estados, de nossos eleitores, de nossas empresas, de nossas finanças nacionais.¹⁵³

O que só dificulta – ou torna impossível, por um longo período de tempo – graus mais profundos, eficientes e necessários de integração interestatal, indispensáveis à estabilização política, econômica e jurídica no planeta e, conseqüentemente, à construção da Paz. De acordo com Jean Ziegler,

[...] a multipolaridade da sociedade internacional impõe estas condições: respeitar os direitos humanos, do contrato social global, da distribuição equitativa dos recursos, da proteção conjunta do ar, da água, dos alimentos para a sobrevivência de cada um de nós.¹⁵⁴

Sendo que a falta de cooperação é não apenas contraproducente (em âmbito local, regional e global), como fere a Comunidade Internacional e fragiliza sua estrutura em progressivo desenvolvimento; um desenvolvimento lento, irregular e extremamente frágil. Na reflexão de Ernst Gombrich, “Não seria preferível que os homens se entendessem uns com os outros a despeito de suas divergências de opinião e religião? E se os homens se respeitassem mutuamente e tolerassem as convicções uns dos outros?”¹⁵⁵ É claro que sim! Seria preferível em todos os aspectos... Afinal, como escreveu Michael Mann, “Encorajar todo mundo a ser amigo. Esta, obviamente, é a melhor política.”¹⁵⁶ Entretanto, tudo indica que nos contentamos com o que há de pior, de mais errado e criminoso – a Guerra, por exemplo, só nos

¹⁵² RODRIGUES, Gilberto Marcos Antonio. **O que são relações internacionais**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009, p. 115.

¹⁵³ MAALOUF, Amin. **O mundo em desajuste**: quando nossas civilizações se esgotam. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011, p. 81.

¹⁵⁴ ZIEGLER, Jean. **Ódio ao ocidente**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 267.

¹⁵⁵ GOMBRICH, Ernst Hans. **Breve história do mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 254.

¹⁵⁶ MANN, Michael. **O império da incoerência**. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 51.

afeta, causa horror e revolta, quando nos atinge diretamente. E se este não for o caso, que se danem os outros! Indignado, Tony Judt perguntou, “Por que encontramos tanta dificuldade até para *imaginar* um tipo diferente de sociedade? Por que está além de nossa capacidade de conceber um conjunto diferente de disposições para o benefício comum?”¹⁵⁷ E as respostas honestas sempre giram em torno da ganância patológica de indivíduos que estiveram, estão ou estarão no Poder. Como reconheceu Slavoj Žižek, “[...] não vivemos no melhor mundo possível, temos a permissão, e a obrigação até, de pensar em alternativas.”¹⁵⁸ Alternativas que priorizem a Paz e a Vida e não o Poder e o Dinheiro. Na opinião do economista Jacques G  n  reux, “Se as regras do jogo político têm efeitos perversos, quem nos impede de reform  -las?”¹⁵⁹ Quem nos impede de exigir que os Governos comecem a construir, desde já, a Paz Mundial? Somos nós que mandamos neles e não o contrário! Além disso, como enfatizou Slavoj Žižek, “Esperar que alguém faça o serviço por nós    um modo de racionalizar nossa inatividade.”¹⁶⁰ E de fingir que o futuro da Humanidade independe daquilo que pensamos, fazemos ou deixamos de fazer enquanto indivíduos e, principalmente, enquanto cidadãos... O que, obviamente, não    verdade. Para Noam Chomsky,

[...]    importante não nos intimidarmos com uma retórica histórica e com mentiras, e nos mantermos tão próximos quanto possível do curso da verdade, honestidade e preocupa  o com o aspecto humano de nossas a  o  es ou omissões. Tudo isso são truísmos, mas    importante mantê-los em mente.¹⁶¹

Até porque, foi das mentes de indivíduos considerados idealistas e “sonhadores” que surgiram as principais ideias, inven  o  es e inova  o  es da raça humana... O que os “realistas” ofereceram até agora, além de uma Indústria devastadora e poluente, uma Economia desumana e cr  sica, uma Política corrupta e opressora, Rela  o  es Internacionais egoístas e ameaçadoras e corridas armamentistas paranoicas e obsessivo-compulsivas? E    claro, não podemos nos esquecer do Medo e do ódio em quantidades elevadíssimas, insanas, insuportáveis, enlouquecedoras... Para Slavoj Žižek, “[...] os verdadeiros sonhadores são os que pen-

¹⁵⁷ JUDT, Tony. **O mal ronda a terra**: um tratado sobre as insatisfa  o  es do presente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 43.

¹⁵⁸ ŽIŽEK, Slavoj. **O ano em que sonhamos perigosamente**. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 81.

¹⁵⁹ GÉNÉREUX, Jacques. **O horror político**: o horror não    econômico. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 27.

¹⁶⁰ ŽIŽEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 129.

¹⁶¹ CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 141.

sam que as coisas podem continuar o que são por um tempo indefinido [...].”¹⁶² Ou seja, os tais “realistas”. Como esclareceu Amin Maalouf,

Um mundo em que se respeita, cada dia um pouco mais, a diversidade humana, em que qualquer pessoa pode exprimir-se na língua que escolheu, ou tranquilamente professar sua fé e serenamente assumir suas origens, sem incorrer em hostilidade nem em descrédito, tanto por parte das autoridades quanto da população, é um mundo que avança, que progride, que se eleva.¹⁶³

Um mundo tão possível e real quanto qualquer outro... Só que sem as guerras, as mortes e as destruições. Na explicação de Tzvetan Todorov,

O homem não é, ou não é somente, o lobo do homem. Aliás, se o fosse, toda esperança de melhorá-lo seria vã: em que seria possível apoiar-se para tal, como se poderia lhe pedir virtudes contrárias à sua natureza?¹⁶⁴

Sendo assim, querer justificar e legitimar o uso da Força contra o Outro com base na “natureza humana” é algo imoral, obsceno, revoltante, inadmissível. Nossa verdadeira natureza – e ela de fato existe – é de união; não de desunião! Mas como alertou Edgar Morin,

A lógica da guerra permanece ainda presente onde os combates cessaram e está já presente onde os combates poderiam começar. Só uma lógica da paz pode apaziguar lentamente tudo o que é consequência da histeria guerreira.¹⁶⁵

E só uma cultura da Paz – viva, pulsante, proativa – pode enfraquecer e neutralizar a cultura da Guerra, que tem distorcido e maculado a história dos povos até o presente momento. Viktor Frankl escreveu certa vez que

[...] os homens *humanos* são, e provavelmente sempre serão, uma minoria. Contudo é exatamente este fato que deve estimular a cada um de nós a unir-se à minoria: as coisas vão mal, mas se não fizermos o melhor que pudermos para fazê-las progredir, tudo será pior ainda.¹⁶⁶

¹⁶² ŽIŽEK, Slavoj. **O ano em que sonhamos perigosamente**. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 88.

¹⁶³ MAALOUF, Amin. **O mundo em desajuste**: quando nossas civilizações se esgotam. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011, p. 69.

¹⁶⁴ TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 23.

¹⁶⁵ MORIN, Edgar. **Os fraticidas**: Jugoslávia-Bósnia: 1991-1995. Lisboa: Relógio D’água, 1996, p. 102.

¹⁶⁶ FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. 15. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2005, p. 24.

E pior para todos, pois o Mal ultrapassa fronteiras, desrespeita soberanias e ignora, por completo (e por essência), o Direito e a Justiça. Stéphane Hessel declarou com grande otimismo: “Estou convencido de que o futuro pertence à não violência, à conciliação das diferentes culturas. É por esta via que a humanidade deverá superar a próxima etapa.”¹⁶⁷ Uma etapa civilizatória de integração máxima (se optarmos pela Paz) ou desintegração máxima (se optarmos pela Guerra). O político e diplomata Philip Noel-Baker, ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1959, perguntou e ponderou:

Numa idade em que o átomo foi dividido, a lua circundada, doenças derrotadas, seria o desarmamento uma questão tão difícil de modo a permanecer um sonho? Responder ‘sim’ significa perder toda a esperança na humanidade.¹⁶⁸

E toda a esperança na possibilidade e probabilidade da Paz Mundial; algo que, definitivamente, não pode acontecer. Como concluiu Jacques G  n  reux, “Como sempre, o futuro dependerá de nossas escolhas coletivas, de nossas escolhas políticas.”¹⁶⁹ Teremos de decidir entre viver com o Outro ou morrer contra o Outro... E dependendo do caminho, não há volta.

ONU e Conselho de Segurança

A ONU fracassou e o Conselho de Segurança    uma aberr  o... E tanto aquela quanto este, foram perdendo, progressivamente, suas razões de existir. Temos uma organiza  o multinacional que não consegue nem mesmo funcionar como previsto (com normalidade e eficiência operacionais medianas) e um “conselho” formado por um punhado de Estados poderosos e perigosos (e nos quais não se pode confiar por inteiro) que se acham no direito inquestionável de determinar os rumos da Humanidade. De acordo com o diplomata Luiz Felipe Lampreia, “Nunca o Conselho funcionou plenamente como um diretório internacional capaz de impor a observância da Carta da ONU e promover a paz e a segurança inter-

¹⁶⁷ HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos!** São Paulo: Leya, 2011, p. 30.

¹⁶⁸ NOEL-BAKER, Philip. In: ABRAMS, Irwin. **Heróis da paz**: o que ganhadores do Prêmio Nobel da Paz têm a nos dizer. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011, p. 18.

¹⁶⁹ GÉNÉREUX, Jacques. **O horror político**: o horror não    econômico. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 40.

nacionais.”¹⁷⁰ E como ressaltou Tzvetan Todorov, “A ordem internacional não se torna melhor quando se deixa um grupo de países impor sem restrição sua vontade a todos os outros. A tentação do descomedimento torna-se então grande demais [...]”¹⁷¹ E muito maior e mais forte que a vontade (imaginando que ela exista) de fortalecer a Comunidade Internacional, favorecendo e garantindo seu funcionamento ótimo (o que, dadas as condições, seria um milagre). Para piorar as coisas, como enfatizou Vilém Flusser, “Jamais as decisões políticas e sociais estiveram em mãos de pessoas tão estúpidas como o são atualmente.”¹⁷² De modo que todas as causas realmente importantes, grandiosas e universais, foram e são deixadas de lado e para trás (e propositalmente), em prol de pseudo-soluções imediatistas – e desesperadas – para disfunções e crises estruturais do Sistema (e, portanto, cíclicas e inescapáveis) de natureza comercial-econômica-financeira-monetária. Ao invés dos poderosos aliviar o sofrimento da Humanidade (afinal, ao menos em teoria, é para isso que estão no Poder), eles preferem aliviar o sofrimento de empresários, executivos e investidores globais... E os 99% que se virem como puderem ou morram tentando. Ademais, como explicou Tzvetan Todorov,

[...] os membros permanentes do Conselho são colocados, de saída, acima da lei que supostamente devem cumprir: nem eles nem os países que eles decidem proteger podem ser condenados! Portanto, a justiça em questão é altamente seletiva. [...] Há coisa pior: os membros permanentes podem decidir intervir onde quiserem *sem* a autorização das Nações Unidas [...] bem se vê que isso não acarreta nenhuma sanção oficial.¹⁷³

Em outras palavras, existem Estados de primeira linha (o rótulo “Primeiro Mundo” não é acidental, mas sintomático, revelador) e outros de segunda ou terceira linhas... E dos quais os poderosos esperam resignação e obediência absolutas e *ad aeternum*. O Conselho de Segurança existe para garantir a segurança e perpetuação das relações de dominação e exploração e não para tornar o mundo mais seguro. Como asseverou Eric Hobsbawm,

O papel dos organismos internacionais existentes, sobretudo a Organização das Nações Unidas, tem de ser repensado. Embora esteja sempre presente e normalmente se recorra a ela, sua atuação na resolução de disputas não é clara. Sua estra-

¹⁷⁰ LAMPREIA, Luiz Felipe. **O Brasil e os ventos do mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 300.

¹⁷¹ TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 88.

¹⁷² FLUSSER, Vilém. **Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: Annablume, 2011, p. 146.

¹⁷³ TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 71.

tégia e sua operação estão sempre à mercê das instabilidades da política de poder. A ausência de um intermediário internacional considerado genuinamente neutro e capaz de agir sem a autorização prévia do Conselho de Segurança constitui a carência mais óbvia do sistema de solução de controvérsias.¹⁷⁴

E nem é preciso dizer que os grandes prejudicados pela inação da ONU (que deveria ganhar força) e pela ação do Conselho de Segurança (que deveria perder força, até deixar de existir) são os Estados e povos que mais precisam de atenção e ajuda da Comunidade Internacional; e não raro, desesperadamente, em caráter de urgência urgentíssima. Como afirmou a jurista e economista Lílian Duarte, “O desencanto com a incapacidade do sistema ONU de fazer cumprir seus propósitos se aprofundou.”¹⁷⁵ O que, aliás, era previsível desde o início... E como registrou Michael Mann, “Deixar tudo por conta da ONU pode ser uma receita para a mobilização de elevados sentimentos morais, discussões políticas intermináveis e pouca ação.”¹⁷⁶ E enquanto isso (pois o tempo não para), sede e fome, doenças e epidemias, dor e sofrimento, conflitos e guerras, morte e destruição – Violência e Horror nos quatro cantos da Terra. Walter Mead reconheceu que “[...] as instituições internacionais são importantes uma vez que são capazes de construir coalizões mais fortes e efetivas para atacar os problemas internacionais relevantes [...]”.¹⁷⁷ Mas uma coisa é a teoria (querer fazer o que é certo) e outra, bem diferente, é a prática (fazer o que é certo). No primeiro caso, bastam palavras bonitas e discursos emocionantes; já no segundo, é preciso vontade política inabalável – o que é raríssimo ou inexistente. Como apontou Tzvetan Todorov,

[...] o mundo se divide doravante em dois grupos de Estados: os que podem fazer o que quiserem em seu território e nos dos outros [...] e os que, como os pobres de espírito ou as crianças de pouca idade, são postos sob a tutela dos primeiros e serão punidos por qualquer transgressão às regras.¹⁷⁸

E como ficam a autodeterminação dos povos e a igualdade jurídico-política entre os Estados? Bem, elas não ficam... No universo imoral do “Realismo Político” os fortes mandam e os fracos obedecem ou morrem; nada mais filosófico do que isso. Ainda nas palavras de Tzvetan Todorov, “A ordem internacional encarnada pelo Conselho de Segurança consagra o

¹⁷⁴ HOBBSAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 33.

¹⁷⁵ DUARTE, Lílian. **Política externa e meio ambiente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 45.

¹⁷⁶ MANN, Michael. **O império da incoerência**. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 25.

¹⁷⁷ MEAD, Walter Russell. **Poder, terror, paz e guerra: os Estados Unidos e o mundo contemporâneo sob ameaça**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 74.

¹⁷⁸ TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 72.

reinado da força, não o do direito.”¹⁷⁹ E muito menos o da Democracia e o do Bem Comum. Na conclusão de Sigmund Freud,

Não é possível evitar garantidamente a guerra a menos que os homens se entendam para instituírem um poder central a cujas sentenças se refiram em todos os conflitos de interesses. Nesse caso, impõem-se com igual exigência duas necessidades: a criação de uma tal instância suprema e a sua dotação com a força adequada. Sem a segunda, a primeira não terá qualquer utilidade.¹⁸⁰

E a Organização das Nações Unidas, mesmo com suas boas intenções (e elas existem aos montes), é uma prova disso. Como escreveu Edgar Morin, “Se é preciso perder a ilusão messiânica de um futuro radioso, podemos sempre alimentar a esperança de um mundo melhor, mesmo sabendo que ela jamais será garantida.”¹⁸¹ Até porque, pouquíssimas coisas são garantidas no estranho mundo dos Homens; supostamente, criaturas inteligentes, racionais, evoluídas.

¹⁷⁹ TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 71.

¹⁸⁰ FREUD, Sigmund. *In*: EINSTEIN, Albert; FREUD, Sigmund. **Porquê a guerra?** Lisboa: Publicações Europa-América, 2007, p. 47.

¹⁸¹ MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo?**: ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 151.

CONCLUSÃO

Se é um dever, e ao mesmo tempo uma esperança, contribuímos todos para realizar um estado de direito público universal, mesmo que seja só em aproximação progressiva, a ideia da “paz perpétua” [...] não é uma vã fantasia, mas um problema que vai resolvendo pouco a pouco, aproximando-nos prontamente do fim almejado, já que o movimento do progresso há de ser, no futuro, mais rápido e eficaz do que no passado.¹⁸²

O único caminho para sobrevivermos neste planeta é praticar a atitude de não-violência. [...] Aprendemos o quanto devemos temer o uso de armas. [...] É preciso que fique cada vez mais claro que nós, seres humanos, temos um destino comum.¹⁸³

A paz somente é possível como obra da justiça. Nenhuma sociedade terá futuro se permanecer construída sobre uma injustiça estrutural e histórica como a nossa. [...] Se não houver uma reconstrução das relações para que sejam mais justas, igualitárias e incluídas, seremos condenados a conviver com conflitos e guerras.¹⁸⁴

A Paz Mundial é um objetivo social, jurídico e político plenamente possível e alcançável e deve começar a ser pensada e construída, desde já e ativamente, por cada um de nós... Afinal, somos todos “agentes sociais” (em sentido amplo) e, portanto, potenciais e necessários “pacificadores”. E francamente, não há nada de utópico e irreal em querermos viver vidas melhores num mundo qualitativa e substancialmente melhor do que este – que, até agora, tem sido ruim ou absolutamente infernal para a maioria dos seres humanos. É preciso que tenhamos em mente que, de uma população total de 7 bilhões de pessoas, cerca de 45% delas – e o número não para de crescer! – é estruturalmente pobre ou miserável, pandemicamente desnutrida ou faminta e permanentemente triste ou desesperançada... O retrato nítido e “claro como cristal” de um mundo doente e agonizante – e nós o deixamos assim! – habitado por gente que, mais cedo ou mais tarde, experimentará os horrores da Guerra; seja pela primeira vez (um evento sempre traumático e que deixa sequelas duradouras) ou mais uma vez (a crueldade repetida no tempo, no espaço e nos psiquismos de um sem-número de inocentes). Onde está a Justiça? Onde está o Direito Internacional? Onde estão as leis – humanas e humanitárias – que, supostamente, deveriam proteger e defender

¹⁸² KANT, Immanuel. **Rumo à paz perpétua**. São Paulo: Ícone, 2010, p. 119.

¹⁸³ DALAI LAMA. **Caminho da sabedoria, caminho da paz**. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 122-123.

¹⁸⁴ BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz**: desafio para o século XXI. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 82.

os cidadãos do mundo e seus direitos fundamentais “inalienáveis” e “imprescritíveis”? Como ressaltou Noam Chomsky,

Temos hoje os recursos técnicos e materiais para atender às necessidades animais do homem. Não desenvolvemos os recursos culturais e morais – ou as formas democráticas de organização social – que possibilitam o uso humano e racional de nossa riqueza e poder materiais.¹⁸⁵

E por este motivo, o não-desenvolvimento dos recursos indispensáveis à vida em comum, com o Outro, continuamos a considerar a Violência – especialmente a planejada e tecnologicamente assistida, ainda mais brutal e arrasadora que a primitiva – como uma opção válida para “resolver” a maioria dos problemas, presentes e futuros, entre os povos e Estados... Uma contradição em termos que escancara a imoralidade da Política ou daquilo que temos chamado de Política nos últimos séculos. Como reconheceu e apontou Jacques G  n  reux,

Claro, a coordena  o internacional das políticas nem sempre    fácil de ser executada. Mas isso não se prende a nenhuma impossibilidade técnica ou econômica. Os obstáculos são todos políticos. [...] O que nos distancia dos benefícios de uma coopera  o internacional   , antes de tudo, a ausência de uma vontade política bastante forte e de institui  es políticas internacionais adequadas.¹⁸⁶

Em outras palavras, a Paz Mundial nunca foi realmente “impossível” (em termos teóricos, práticos, operacionais), mas apenas “improvável” por conta do egoísmo, da ganância e da megalomania de alguns (que, infelizmente, conseguem chegar ao Poder), em detrimento do Bem Comum e da Humanidade. E quanto às Organiza  es Internacionais e    Política Internacional como um todo? Como explicou o físico Andrei Sakharov, ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1975,

*The goal of international policy is to insure universal fulfillment of the “Declaration of the Rights of Man” and to prevent a sharpening of international tensions and a strengthening of militarist and nationalist tendencies.*¹⁸⁷

¹⁸⁵ CHOMSKY, Noam. **O governo no futuro**. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 54.

¹⁸⁶ GÉNÉREUX, Jacques. **O horror político**: o horror não    econômico. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 66-67.

¹⁸⁷ SAKHAROV, Andrei Dmitriyevich. **Progress, coexistence & intellectual freedom**. New York: Norton & Company, 1968, p. 42.

Mas, na prática, a única coisa “assegurada” é o Poder nas mãos dos poderosos; nas mesmas mãos há décadas e, se depender deles, até o Fim dos Tempos... Apesar de “cientificamente comprovado” que a raça humana só conseguirá se perpetuar sobre a Terra se todos os povos colaborarem de verdade (até porque, em termos biológicos, somos um único e grande povo), governantes, Governos e Estados continuam a fazer o que for preciso para manter os poderes que já têm e, se houver oportunidade, conquistar um pouco mais... E como sempre, custe o que custar e doa em quem doer. É realmente difícil acreditar na existência e na viabilidade de uma Comunidade Internacional quando cada um de seus “membros” está sempre disposto a declarar guerra contra qualquer Estado (e preferencialmente, contra os menores, mais pobres e mais fracos) para garantir seus próprios interesses – o “egoísmo de Estado” é tão patológico e prejudicial quanto o que ocorre no nível individual; só que com consequências catastróficas para milhões de pessoas. Por definição, e por uma questão de lógica, “Comunidade” e “Sociedade” são coisas bem diferentes de um estado permanente de desconfiança, rivalidade (adormecida ou desperta) e sobreaviso bélico. E é claro, a Paranoia que assombra a Política não é a melhor das conselheiras quando o assunto é estabelecer ou não relações com outros povos, culturas e Governos. Para dificultar a situação, quando as armas começam a fazer barulho os internacionalistas se calam e se escondem até o cessar-fogo... Que pode demorar algum (ou muito) tempo ou nunca ocorrer. Defender a Paz é cada vez mais perigoso! Até porque, enquanto os pacifistas tentam convencer pelo bom senso, seus opositores, os belicistas, convencem pela pólvora – um “argumento” reconhecidamente persuasivo. E as coisas tendem a piorar consideravelmente (em alguns casos, em progressão geométrica), pois, como apontou Jacques G  n  reux, “[...] em todo o mundo, a miséria, a raiva e a humilha  o engrossam as fileiras dos inimigos da democracia.”¹⁸⁸ Os mesmos homens e mulheres – e até idosos e crianças! – que acabarão com rifles de assalto e granadas nas mãos em busca de vingança (contra o Outro, contra o Ocidente ou o Oriente, contra o Sistema, contra tudo e todos), dando continuidade ao círculo vicioso de “corrosão” do Social e da Sociedade; e aumentando, conseqüentemente, a “bola de neve” vermelha de sangue dos ódios “construídos” pela Política que   , na prática, uma não-Política. Tzvetan Todorov fez questão de nos lembrar do mais óbvio e contundente dos ar-

¹⁸⁸ GÉNÉREUX, Jacques. **O horror político**: o horror não    econômico. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 20.

gumentos em favor e defesa da Paz Mundial: “[...] todos os homens pertencem à mesma espécie e têm, por conseguinte, direito à mesma dignidade.”¹⁸⁹ Mas, nos dias de hoje, a Dignidade do Homem não figura realmente em nenhuma lista de prioridades sociais, econômicas ou políticas... E quando a palavra “dignidade” é usada pelos poderosos ou por seus representantes, em discursos pomposos e propagandísticos repletos de mentiras, já está totalmente esvaziada de sentido e de forças simbólica, mobilizadora e transformadora. A Política e seus nobres ideais esvaziados e o mundo cheio de ódios e armas... E de gente psicologicamente desequilibrada, surtada, disposta a usá-las.

Salto evolutivo ou no abismo

Deixar as coisas como estão (Governos paranoicos, Estados militarizados, políticas externas egoístas, imorais, ameaçadoras e opressoras – e que se pretendem “realistas” e “pragmáticas”) é caminhar, consciente ou inconscientemente, e rapidamente, para o Fim. Por outro lado, tentar mudá-las de modo que a Humanidade possa, finalmente, viver em paz, uma verdadeira Paz Perpétua, é garantir a sobrevivência da espécie por mais algum tempo (e até por Eras inteiras), além de constituir, na prática, um gigantesco e valioso “salto evolutivo”. Aí sim, será possível falar em vida inteligente na Terra... Esse grande salto rumo ao “melhor dos mundos”, que não tem nada de utópico e irreal, será impulsionado por diversas forças psicossociais agindo em conjunto – altruísmos individual e coletivo, respeito pelo Outro, compreensão e aceitação das diferenças, coexistência pacífica, amistosa e profícuca com a diversidade, políticas humanistas e simbióticas – dentre as quais despontará, com vigor crescente, o Direito Internacional... E se tudo der certo, construiremos, no futuro não muito distante, um Direito único para todos os povos; um “Direito Terrestre” ou, simplesmente, o “Direito Humano”. Afinal, como destacou Carlos Roberto Husek, “O Direito Internacional representa cada vez mais, um novo caminho, um novo e grande pacto de paz para a sobrevivência da humanidade [...]”.¹⁹⁰ E se os Governos e Estados pretendem fazer algo de bom e útil pelos seus nacionais e pela Comunidade Internacional como um todo, essa “boa ação” deve ser, sem dúvidas ou postergações, a promoção e manutenção da Paz entre os

¹⁸⁹ TODOROV, Tzvetan. **O espírito das luzes**. São Paulo: Barcarolla, 2008, p. 117.

¹⁹⁰ HUSEK, Carlos Roberto. **Curso de direito internacional público**. 10. ed. São Paulo: LTR, 2009, p. 30.

Homens. Até porque, a Paz é a condição básica, *sine qua non*, para a realização eficiente, eficaz e efetiva, dos objetivos socioeconômicos e políticos de qualquer povo e país civilizado. E sua estabilidade característica – ela é perene por natureza – fortalece e garante todo tipo de segurança jurídica indispensável ao progresso individual, coletivo, social e civilizatório. A terapeuta e ativista política Leymah Gbowee, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz em 2011, reconheceu que “O trabalho é duro. A imensidão do que precisa ser feito é desanimadora.”¹⁹¹ E, mesmo assim, afirmou que não podemos nos esquivar da responsabilidade de tornar a Paz Mundial uma realidade. Andrei Sakharov costumava dizer que “a raiz quadrada da Verdade é o Amor” e não é preciso ser um gênio da Física para compreender – e internalizar de vez – que a sobrevivência e perpetuação da Humanidade dependem, integralmente, do Amor ao Próximo. E é claro, da capacidade de estabelecer, desenvolver e manter relações amistosas e duradouras com todos os povos da Terra; um Amor “globalizado”. Isso é Realismo Político! E constitui a única maneira de evoluir, enquanto espécie, ao longo do tempo... A outra opção, o caminho frio e cinzento pavimentado pela Ganância e o Ódio, é a garantia da autodestruição sistemática e progressiva do Homem. Alternativa nada inteligente ou “realista” que, estranhamente, conta com inúmeros adeptos e defensores – prova cabal de que existem “loucos” para tudo, em quantidades muito, mas muito perigosas – que parecem guiar seus pensamentos e ações pela “pulsão de morte”. Como alertou Sigmund Freud, “[...] a guerra do futuro, na sequência do aperfeiçoamento dos equipamentos de destruição, equivalerá ao extermínio de um dos adversários, ou quiçá dos dois.”¹⁹² Ou de todos nós, se forem apertados os “botões vermelhos” que dispararam os milhares de artefatos biológicos, químicos e atômicos, plenamente operacionais, espalhados pelo globo – a ensandecida estratégia “M.A.D.” (*Mutual Assured Destruction*) não foi deixada de lado e esquecida como tantos de nós, ingenuamente, costumamos pensar. Em 1970, em plena Guerra Fria, o premiado jornalista Harrison Salisbury escreveu: “*The world, in the past, has listened with interest to its utopians. This time it must do more than listen. It must act or risk extinction.*”¹⁹³ E suas palavras de alerta são tão importantes nos dias de hoje – e principalmente agora! – quanto o

¹⁹¹ GBOWEE, Leymah. **Guerreiras da paz**: como a solidariedade, a fé e o sexo mudaram uma nação em guerra: memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 286.

¹⁹² FREUD, Sigmund. In: EINSTEIN, Albert; FREUD, Sigmund. **Porquê a guerra?** Lisboa: Publicações Europa-América, 2007, p. 60.

¹⁹³ SALISBURY, Harrison Evans. In: SAKHAROV, Andrei Dmitriyveich. **Progress, coexistence & intellectual freedom**. New York: Norton & Company, 1968, p. 204.

foram naqueles tempos de incertezas... Incertezas que, como podemos constatar, com pesar e medo crescentes, nunca nos abandonaram para valer.

A queda do muro... da indecisão

Chegou a hora de tomarmos uma posição! Podemos ficar do lado dos que têm equilíbrio psicológico, querem o Bem Comum e buscam a Paz Mundial com todo empenho e boa vontade ou do lado dos psicologicamente desequilibrados e que desejam exatamente o oposto. Historicamente falando, a maioria de nós está acostumada a ficar “em cima do muro”, seja por comodismo, indecisão, indiferença ou a mais pura covardia... Mas uma coisa é certa: não existe “posição intermediária” e “neutra” quando se trata de Vida ou Morte. Quando os bons não se manifestam, os maus podem agir livremente... E sempre agem! E a omissão é incapaz de nos proteger do Medo, da Violência e dos problemas resultantes da desunião artificial – e artificialmente mantida – do Homem. Como Edgar Morin fez questão de ressaltar, “A era planetária em que estamos tornou interdependentes todas as sociedades. Todos os seres humanos, onde quer que estejam, têm em comum os mesmos problemas vitais e as mesmas mortais ameaças.”¹⁹⁴ De modo que a cooperação, ampla e irrestrita, é indispensável e inevitável. Amin Maalouf escreveu que

O futuro não está escrito de antemão; cabe a nós escrevê-lo, a nós concebê-lo, a nós construí-lo; com audácia, pois se devem romper hábitos seculares; com generosidade, porque é preciso aglomerar, tranquilizar, ouvir, incluir, compartilhar; e, antes de tudo, com sabedoria. É a tarefa que incumbe aos nossos contemporâneos, mulheres e homens de todas as origens e que não têm outra escolha senão assumi-la.¹⁹⁵

E como enfatizou Leonardo Boff, “O nível de interdependência é tal que ou nos salvamos todos ou todos pereceremos.”¹⁹⁶ Não há como fazer vistas grossas e fingir que os problemas do Outro – nosso “irmão” nacional ou estrangeiro – não nos afetam e não nos dizem respeito. Querendo ou não, estamos todos implicados, direta ou indiretamente, nas

¹⁹⁴ MORIN, Edgar. **Os fraticidas**: Jugoslávia-Bósnia: 1991-1995. Lisboa: Relógio D'água, 1996, p. 73.

¹⁹⁵ MAALOUF, Amin. **O mundo em desajuste**: quando nossas civilizações se esgotam. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011, p. 202.

¹⁹⁶ BOFF, Leonardo. **Do iceberg à Arca de Noé**: o nascimento de uma ética planetária. 2. ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2010, p. 66.

questões humanas e humanitárias de âmbitos local, regional e global, pelo simples fato de partilharmos o mesmo e único planeta habitável até o momento; e isso não mudará tão cedo... Nas palavras de Wolfgang Maar, “Se o problema é político, a política pode mudá-lo.”¹⁹⁷ E essa é uma das poucas certezas nas quais podemos acreditar e basear nossos pensamentos, decisões e ações enquanto indivíduos, comunidades, povos e espécie. Seja como for (e de um jeito ou de outro), a Paz será a realidade última no futuro da Terra... Se optarmos pela convivência harmoniosa entre os Homens, viveremos todos em paz; se optarmos pela violência da Guerra, descansaremos todos em paz. A primeira escolha, ao que tudo indica, parece a mais acertada.

¹⁹⁷ MAAR, Wolfgang Leo. **O que é política**. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 23.

BIBLIOGRAFIA

AMORIM, Celso. *In*: JAKOBSEN, Kjeld (Org.). **A nova política externa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.

ANNAN, Kofi. *In*: ABRAMS, Irwin. **Heróis da paz**: o que ganhadores do Prêmio Nobel da Paz têm a nos dizer. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011.

APPADURAI, Arjun. **O medo ao pequeno número**: ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2009.

AUGÉ, Marc. **Para onde foi o futuro?** Campinas: Papirus, 2012.

AYERBE, Luis Fernando. *In*: VECCHIO, Angelo del (Org.). **Política internacional e hegemonia**: Brasil e Estados Unidos no contexto da globalização. São Paulo: Sociologia e Política, 2010.

BAUDRILLARD, Jean. **Power inferno**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BIANCHERI, Boris. **Conciliar o mundo**: a diplomacia na era global. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BLACK, Jeremy. *In*: SWAIN, Harriet (Org.). **Grandes questões da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

BOBBIO, Norberto. **O terceiro ausente**: ensaios e discursos sobre a paz e a guerra. Barueri: Manole, 2009.

_____. **Qual democracia?** São Paulo: Loyola, 2010.

BOFF, Leonardo. **Do iceberg à Arca de Noé:** o nascimento de uma ética planetária. 2. ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2010.

_____. **Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz:** desafio para o século XXI. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHOMSKY, Noam. **11 de setembro.** 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. **O governo no futuro.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **Rumo a uma nova guerra fria.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da guerra.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

COLOMBO, Caio. **Catástrofe contemporânea:** ensaios sobre o lado sombrio da pós-modernidade. 2. ed. São Paulo: RG, 2011.

CYRULNIK, Boris. **Autobiografia de um espantalho:** histórias de resiliência: o retorno à vida. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **De corpo e alma.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **Dizer é morrer:** a vergonha. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Falar de amor à beira do abismo.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O murmúrio dos fantasmas.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DALAI LAMA. **Caminho da sabedoria, caminho da paz.** Porto Alegre: L&PM, 2010.

DRAYTON, Richard. *In*: SWAIN, Harriet (Org.). **Grandes questões da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

DUARTE, Lílian. **Política externa e meio ambiente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ELBARADEI, Mohamed. *In*: ABRAMS, Irwin. **Heróis da paz**: o que ganhadores do Prêmio Nobel da Paz têm a nos dizer. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011.

FERRO, Marc. **A reviravolta da história**: a queda do muro de Berlim e o fim do comunismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **O século XX explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

FLEINER, Thomas. **O que são direitos humanos?** São Paulo: Max Limonad, 2003.

FLUSSER, Vilém. **Pós-história**: vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: Annablume, 2011.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: UNESP, 1997.

FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. 15. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.

FREUD, Sigmund. *In*: EINSTEIN, Albert; FREUD, Sigmund. **Porquê a guerra?** Lisboa: Publicações Europa-América, 2007.

FUKUYAMA, Francis. **Construção de estados**: governo e organização mundial no século XXI. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

FURTADO, Peter. *In*: SWAIN, Harriet (Org.). **Grandes questões da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

GBOWEE, Leymah. **Guerreiras da paz**: como a solidariedade, a fé e o sexo mudaram uma nação em guerra: memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GÉNÉREUX, Jacques. **O horror político**: o horror não é econômico. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GIDDENS, Anthony. **A terceira via**: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da socialdemocracia. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **Mundo em descontrole**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOLDENBERG, Ricardo Davi. **Política e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GOMBRICH, Ernst Hans. **Breve história do mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. *In*: JAKOBSEN, Kjeld (Org.). **A nova política externa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.

HALLIDAY, Fred. *In*: SWAIN, Harriet (Org.). **Grandes questões da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos!** São Paulo: Leya, 2011.

_____; MORIN, Edgar. **O caminho da esperança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HOBSBAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O novo século**: entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HUSEK, Carlos Roberto. **Curso de direito internacional público**. 10. ed. São Paulo: LTR, 2009.

JAMES, Harold. *In: SWAIN, Harriet (Org.).* **Grandes questões da história.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

JOHNSON, Rob; WHITBY, Michael; FRANCE, John. **Para ganhar a guerra:** as 25 melhores táticas de todos os tempos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

JUDT, Tony. **O mal ronda a terra:** um tratado sobre as insatisfações do presente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

KANT, Immanuel. **Rumo à paz perpétua.** São Paulo: Ícone, 2010.

KING, Martin Luther. **As palavras de Martin Luther King.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LAMPREIA, Luiz Felipe. **O Brasil e os ventos do mundo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MAALOUF, Amin. **O mundo em desajuste:** quando nossas civilizações se esgotam. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

MAAR, Wolfgang Leo. **O que é política.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **Apocalipse:** opinião pública e opinião publicada. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MANN, Michael. **O império da incoerência.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe.** São Paulo: *Penguin Classics* Companhia das Letras, 2010.

MEAD, Walter Russell. **Poder, terror, paz e guerra:** os Estados Unidos e o mundo contemporâneo sob ameaça. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MEARSHEIMER, John J. **Por que os líderes mentem**: toda a verdade sobre as mentiras na política internacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

MORIN, Edgar. **Os fraticidas**: Jugoslávia-Bósnia: 1991-1995. Lisboa: Relógio D'água, 1996.

_____. **Para onde vai o mundo?** Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Rumo ao abismo?**: ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MORUS, Tomás. **A utopia**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

NASSER, Salem Hikmat. **Fontes e normas do direito internacional**: um estudo sobre a *soft law*. São Paulo: Atlas, 2005.

NOEL-BAKER, Philip. *In*: ABRAMS, Irwin. **Heróis da paz**: o que ganhadores do Prêmio Nobel da Paz têm a nos dizer. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011.

NYE, Joseph S. **O futuro do poder**. São Paulo: Benvirá, 2012.

ORWELL, George. **1984**. 29. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

PEREIRA, Bruno Yepes. **Curso de direito internacional público**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

RICHARDS, Huw. *In*: SWAIN, Harriet (Org.). **Grandes questões da história**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

RODRIGUES, Gilberto Marcos Antonio. **O que são relações internacionais**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SAFATLE, Vladimir. *In*: HARVEY, David *et al.* **Occupy**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

SAKHAROV, Andrei Dmitriyveich. **Progress, coexistence & intellectual freedom**. New York: Norton & Company, 1968.

SALISBURY, Harrison Evans. *In*: SAKHAROV, Andrei Dmitriyveich. **Progress, coexistence & intellectual freedom**. New York: Norton & Company, 1968.

SERRES, Michel. **A guerra mundial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. **O mal limpo**: poluir para se apropriar? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SLOTERDIJK, Peter. **Ira e tempo**: ensaio político-psicológico. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

SUTTNER, Bertha von. *In*: ABRAMS, Irwin. **Heróis da paz**: o que ganhadores do Prêmio Nobel da Paz têm a nos dizer. Belo Horizonte: Gutenberg, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **O espírito das luzes**. São Paulo: Barcarolla, 2008.

_____. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

VARGAS, João Augusto Costa. **Campanha permanente**: o Brasil e a reforma do Conselho de Segurança da ONU. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

VECCHIO, Angelo del. *In*: VECCHIO, Angelo del (Org.). **Política internacional e hegemonia**: Brasil e Estados Unidos no contexto da globalização. São Paulo: Sociologia e Política, 2010.

VIDIGAL, Carlos Eduardo. *In*: OLIVEIRA, Henrique Altemani de; LESSA, Antônio Carlos (Orgs.). **Política internacional contemporânea**: mundo em transformação. São Paulo: Saraiva, 2006.

ZAHARAN, Geraldo. **Tradição liberal e política externa nos Estados Unidos**: um diálogo com interpretações realistas e idealistas. Rio de Janeiro: Apicuri: PUC-Rio, 2012.

ZIEGLER, Jean. **Ódio ao ocidente**. São Paulo: Cortez, 2011.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real!**: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. **O ano em que sonhamos perigosamente**. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. São Paulo: Boitempo, 2011.

Caio Colombo

Graduado em desenho industrial (FAAP), direito (UNIP) e psicologia (UNIP); pós-graduado em administração de empresas (FAAP), administração de recursos humanos (FAAP), história (PUC), política e relações internacionais (FESPSP), direito internacional (PUC), sociopsicologia (FESPSP); MBA em comunicação empresarial (FAAP); mestre e doutor em comunicação e semiótica (PUC).

Contato: caicolombo@uol.com.br